



XII SEMINÁRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA:

**AÇÕES COLABORATIVAS E ESTÉTICAS
DE VIDA**

**Kezia Rodrigues Nunes
Silvana Venturin
Lucas Borges Soeiro
(Org.)**

**Kezia Rodrigues Nunes
Silvana Venturin
Lucas Borges Soeiro
(Organização)**

**XII SEMINÁRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA:
AÇÕES COLABORATIVAS E ESTÉTICAS DE VIDA**

ANAIS 2024



**CURRÍCULOS EM INTERAÇÕES COLABORATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NO
ENSINO SUPERIOR -
CICLOS
Vitória, 2024**

Universidade Federal do Espírito Santo

Reitor: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Paula Vargas

Centro de Educação

Diretor: Dr. Reginaldo Célio Sobrinho

Vice-Diretora: Dra. Silvana Venturin

Coordenação

Prof^a. Dr^a. Kezia Rodrigues Nunes

Comissão Organizadora

Prof. Dr. Iguatemi Santos Rangel

Prof^a. Dr^a. Kezia Rodrigues Nunes

Prof. Dr. Marcelo Pereira Nunes

Prof^a. Dr^a. Silvana Venturin

Prof. Ms. Lucas Borges Soeiro

Revisão dos Textos

Os autores

Capa, projeto gráfico, arte e editoração eletrônica

Prof^a. Dr^a. Kezia Rodrigues Nunes e Prof. Ms. Lucas Borges Soeiro.

É permitida a reprodução parcial ou total dos textos desta publicação, desde que citada a fonte. Os artigos publicados são de inteira responsabilidade dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade
Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S471a Seminário do Estágio Supervisionado em Educação Física: ações colaborativas e estéticas de vida (12. : 2024 : Vitória, ES)
Anais do XII Seminário do Estágio Supervisionado em Educação Física: ações colaborativas e estéticas de vida [recurso eletrônico] / Kezia Rodrigues Nunes, Silvana Venturin, Lucas Borges Soeiro (organização). - Dados eletrônicos. - Vitória, ES: Currículos em Interações Colaborativas na Educação Básica e no Ensino Superior - CICLOS, 2024.
95 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISSN: 2764-443X

Modo de acesso: <https://periodicos.ufes.br/sesef/index>

1. Estágios supervisionados. 2. Educação física. 3. Educação física - Estudo e ensino. I. Nunes, Kezia Rodrigues. II. Venturin, Silvana. III. Soeiro, Lucas Borges. IV. Título.

CDU: 796

Elaborado por Eliete Ribeiro Almeida – CRB-6 ES-603

<https://doi.org/10.5281/zenodo.16907399>

SUMÁRIO

Apresentação.....	6
Folder do evento.....	7
Programação.....	8

Palestrante

Educação Física, conexões culturais e comunitárias: ações colaborativas e estéticas de vida.....	10
--	----

Comunicação oral

Educação Física no ensino fundamental

<i>Práticas colaborativas no estágio supervisionado em educação física: experiências com o goalball.....</i>	<i>21</i>
--	-----------

Autores: Alcides Cordeiro Vieira; Arthur Braz Rocha Borges de Oliveira; Beatriz de Souza Maia; Esthela Basílio Wanzeler; Isadora do Amaral e Souza; Max Alexandre Tristão de Almeida Filho; Pamela Ribas; Wesley da Silva Nascimento

<i>Práticas colaborativas no estágio supervisionado em Educação Física: experiências com o conteúdo de Ginástica para Todos (GPT).....</i>	<i>38</i>
--	-----------

Autores: Adenor Ferreira dos Santos Neto; Adryelle Monteiro Ganda; Camille Stephani de Araujo Severgnini; Julha Zuccolotto Tótola; Luana Barroca Garcia Dias; Patricia do Rosario Almeida; Otávio Seara Brito; Richard Bruno Mesquita Silva

<i>Práticas colaborativas no estágio supervisionado em Educação Física: experiências com lutas e atletismo.....</i>	<i>50</i>
---	-----------

Autores: Gabriel Nascimento de Freitas; José Eduardo Pereira de Freitas; Natália Magalhães Luiz; Murilo Bertoni; Pedro Tecla

Memoriais de formação docente desenvolvidos no Estágio Supervisionado em Educação Física

<i>Memoriais de formação docente: narrativas dos estudantes do curso de Educação Física da Ufes (2024).....</i>	<i>61</i>
---	-----------

Autor/a: Kezia Rodrigues Nunes

<i>A importância da experiência para a minha formação.....</i>	<i>63</i>
Autor/a: Arthur Braz Rocha Borges de Oliveira	
<i>Recordações escolares: aprendizados que contribuem para a minha formação e profissão.....</i>	<i>66</i>
Autor/a: Camille Stéphâni de Araújo Severgnini	
<i>Experiência que perpassa o acontecimento.....</i>	<i>68</i>
Autor/a: Esthela Basilio Wanzeler	
<i>Tecendo experiências: uma jornada de educação, dança e inspiração familiar.....</i>	<i>70</i>
Autor/a: Isadora do Amaral e Souza	
<i>Experiências escolares.....</i>	<i>72</i>
Autor/a: José Eduardo Pereira de Freitas	
<i>Recordando minhas experiências únicas e singulares!.....</i>	<i>74</i>
Autor/a: Julha Zuccolotto Tótola	
<i>Entre a sala de aula e o campo: minhas memórias do ensino fundamental I e do futebol...77</i>	
Autor/a: Max Alexandre Tristão de Almeida Filho	
<i>Refletindo sobre minhas práticas profissionais.....</i>	<i>80</i>
Autor/a: Murilo Bertoni Nascimento	
<i>Liberdade única.....</i>	<i>82</i>
Autor/a: Otávio Seara Brito	
<i>Pensar a educação a partir da experiência.....</i>	<i>85</i>
Autor/a: Pamela Ribas	
<i>Experiências que formaram que eu sou.....</i>	<i>88</i>
Autor/a: Patricia Almeida	
<i>Perpetuando memórias: um memorial de Richard Mesquita.....</i>	<i>90</i>
Autor/a: Richard Bruno Mesquita Silva	
<i>Minha motivação.....</i>	<i>92</i>
Autor/a: Wesley da S. Nascimento	
<i>Uma feliz experiência na escola.....</i>	<i>93</i>
Autor/a: Alcides Cordeiro Vieira	



Apresentação

O *Seminário do Estágio Supervisionado em Educação Física* é um projeto de extensão do grupo *Currículos em Interações Colaborativas na Educação Básica e no Ensino Superior* (CICLOS) do Centro de Educação da Ufes. Com início em 2017, possui recorrência semestral, e se constitui por meio de práticas colaborativas com os sujeitos escolares que contribuem com a realização das quatro disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) do Curso de Licenciatura em Educação Física da Ufes.

Esses Anais registram um trabalho coletivo produzido pelos docentes e discentes das escolas e da universidade, gestado nas articulações colaborativas, que buscaram fortalecer nossa formação, prática pedagógica e autoridade profissional.

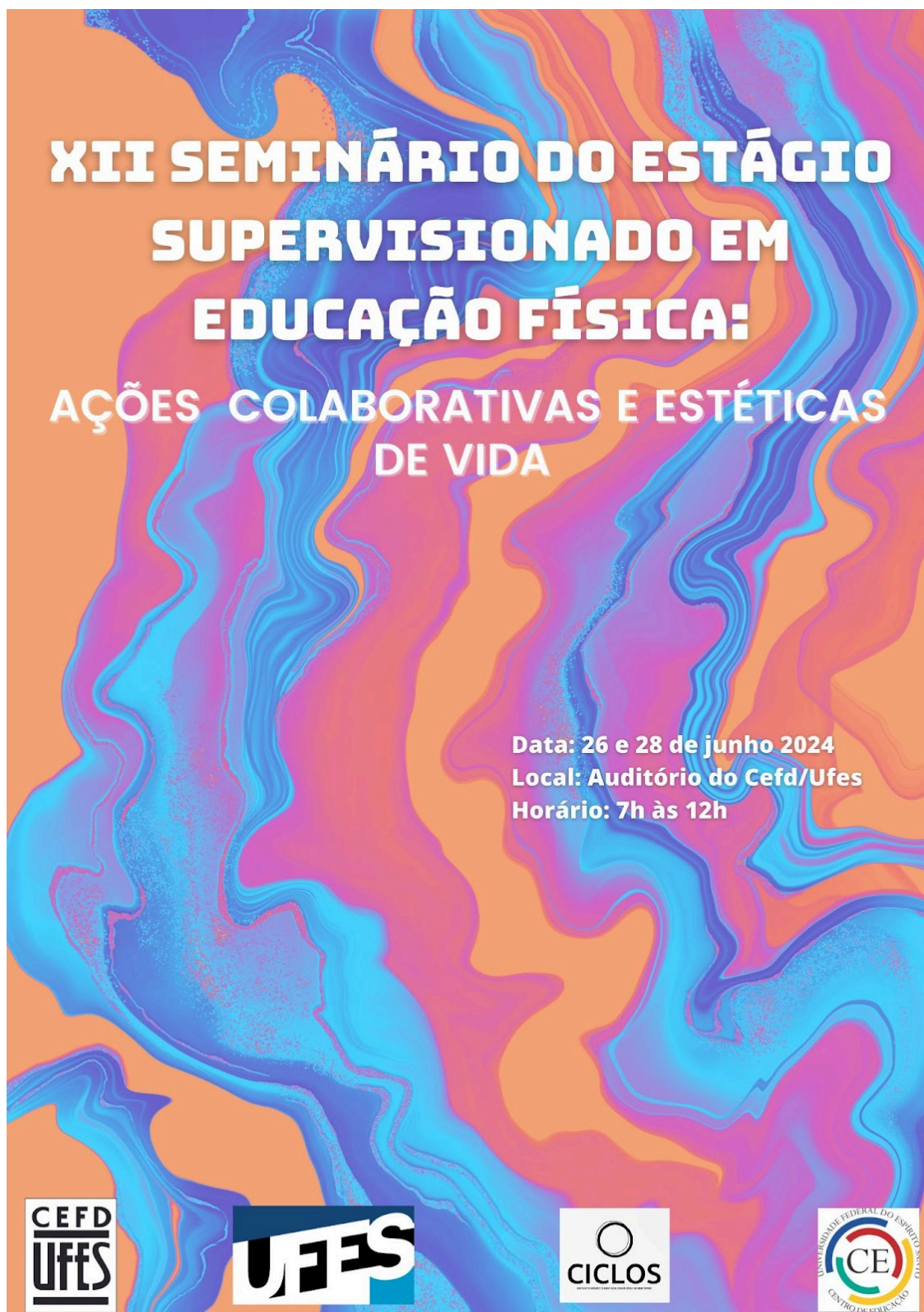
Nesta XII edição do Seminário, com o tema *ações colaborativas e estéticas de vida*, procuramos ressaltar como a cultura capixaba, em suas múltiplas expressões e particularidades, deve ser reconhecida e integrada como uma dimensão ética, estética e política da Educação Física.

Nesse contexto, a Educação Física se configura não apenas como um espaço de desenvolvimento físico, mas também como um campo de formação crítica, que reflete as realidades e as identidades locais, promovendo a valorização de saberes e práticas historicamente e culturalmente significativos para o povo capixaba.

Os anais do XII evento demarcam, portanto, um espaço de partilha, reflexão e diálogo das experiências de docência com as escolas nos contextos de estágio aos quais propiciam, a cada semestre, aos discentes e aos docentes, a partilha e problematização de suas práticas e a exercitarem a produção de uma escrita acadêmica. Trata-se de mais uma marca de tinta, uma referência, um efeito que reúne parte dos trabalhos dos estudantes que foram apresentados como comunicação oral no seminário. Por fim, estimamos profícuas discussões e problematizações!

Junho de 2024.

Folder do evento



Programação

XII SEMINÁRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: AÇÕES COLABORATIVAS E ESTÉTICAS DE VIDA

Programação

Quarta-feira (26/06/2024):

7h - Inscrição

7h 30min - Abertura: Práticas colaborativas de formação docente
Prof. Dra. Kezia Rodrigues Nunes

8h - Mesa redonda: Ações colaborativas e estéticas de vida
Palestrante: Prof. Ms. Lucas Borges Soeiro

9h - Apresentação das Experiências de Estágio Supervisionado

11h - Avaliação das atividades

Sexta-feira (28/06/2024):

7h 30min - Abertura: Práticas colaborativas de formação docente
Profa. Dra. Silvana Ventorim
Profa. Dra. Renata Duarte Simões

8h - Apresentação das Experiências de Estágio Supervisionado

11h - Avaliação das atividades





Palestrante

Educação Física, conexões culturais e comunitárias: ações colaborativas e estéticas de vida

Prof. Ms. Lucas Borges Soeiro

Como produzir uma Educação Física que se aproxime da comunidade local?

COM A AJUDA DOS PRESSUPOSTOS DO CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Princípios ético-políticos, como:

- a) o reconhecimento da cultura corporal da comunidade;
- b) a articulação com a proposta pedagógica da escola;
- c) a justiça curricular;
- d) a descolonização do currículo; e
- e) a fundamentação social dos saberes (Neira, 2018, p. 43).

Equiparar o conhecimento propriamente escolar ao conhecimento do cotidiano da comunidade (Nunes; Neira, 2016)

Sobre o uso de produções imagéticas de artistas capixabas...

ÂNGELA GOMES



Ângela Gomes é uma artista capixaba que produz obras Naif, que retratam patrimônios capixabas e muitas vezes com brincadeiras tradicionais do Espírito Santo (ES).

As obras da autora, como de outros artistas capixabas, podem aproximar os jogos e brincadeiras e as práticas culturais do folclore capixaba de uma Educação Física contextualizada aos contextos comunitários do ES.



Por meio de elementos da cultura capixaba presentes no Atlas do Folclore Capixaba...



Jongo e Caxambu



Bate-Flechas



Açoriana



Jaraguá



MAPA DAS PRÁTICAS CULTURAIS CAPIXABAS

(Atlas do Folclore Capixaba)

Jongo - (Presidente Kennedy; Itapemirim; São Mateus; Conceição da Barra)**Jaraguá** (Anchieta; Alfredo Chaves)**Açoriana** (Viana)**Alemã** (Afonso Cláudio; Campo Grande; Domingos Martins; Pancas; Santa Maria de Jetibá; Santa Teresa)**Bate-Flechas** - (Alegre; Cachoeiro de Itapemirim; Guaçuí)**Boi Pintadinho** - (Alegre; Divino de São Lourenço; Ecoporanga; Itarana; Muqui)**Reis de Boi** - (Conceição da Barra; São Mateus)**Ticumbi** - (Conceição da Barra)**Italiana** - (Alfredo Chaves; Anchieta; Aracruz; Cariacica; Castelo; Ibirapu; Marechal Floriano; Marilândia; Mimoso do Sul; Nova Venécia; Santa Teresa; Venda Nova do Imigrante; Vila Pavão).**Congo, Capoeira e Quadrilhas** - (grande maioria dos municípios capixabas)

**Acesse o atlas do
Folclore Capixaba:**

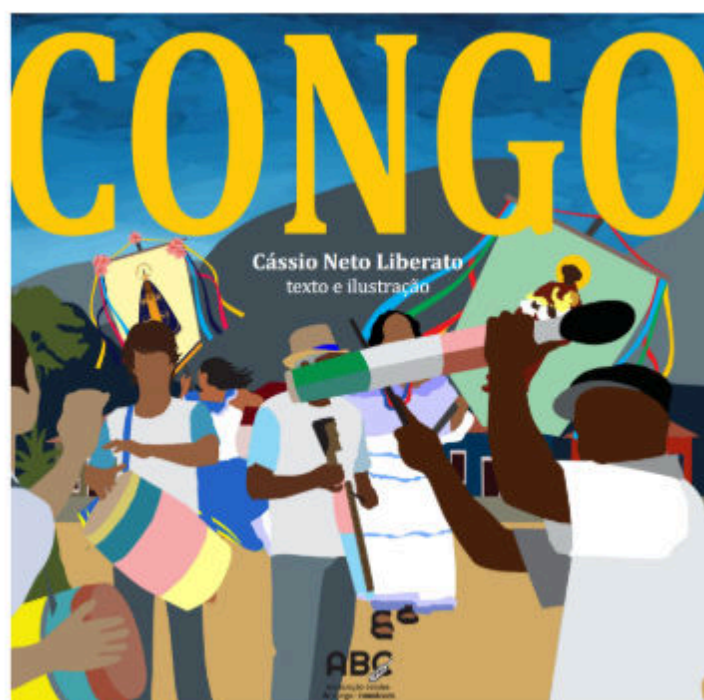




Acesse o mapa cultural do ES:



Produções pedagógicas sobre cultura capixaba:





DESCOLONIZAÇÃO E JUSTIÇA CURRICULAR

- Defesa por um currículo em que as práticas da cultura corporal não sejam apenas aquelas euro-estadunidenses (Neira, 2011).
- É preciso ressaltar que o Currículo Cultural da Educação Física aborda as práticas corporais com a mesma dignidade, inclusive aquelas já consagradas e hegemônicas, como o futebol, voleibol, basquetebol, handebol, balé, etc. (Neira, 2011).

É preciso apostar nos elementos da cultura capixaba

- Personagens da cultura local
- Danças
- Músicas (Toadas)
- Histórias e lendas - Literatura capixaba
- Obras imagéticas de artistas capixabas
- Eventos culturais do ES



EF69LP44,
EF69LP51,
EF07LP01,
EF67LP05,
EF67LP12,
EF67LP19,
EF67LP26,
EF67LP33,
EF06LP03,
EF06LP07,
EF06LP12,
EF89LP01,
EF89LP06,
EF08LP03,
EF89LP16,
EF89LP23,
EF89LP30,
EF08LP04,
EF08LP10,
EF09LP08,
EF09LP12,
EF15AR07,
EF15AR14,
EF15AR21,
EF69AR02,
EF69AR09,
EF69AR16,
EF69AR23,
EF69AR24

É preciso, também, descolonizar os elementos da cultura capixaba dos códigos que tentam colonizar os currículos, sendo indispensável romper com a lógica do saber local reduzido a um mero objeto de conhecimento arraigado por homogeneidade.

(EF15AR08-04/ES), (EF15AR13-04/ES),
(EF15AR15-04/ES).

O território-escola se constrói mesmo antes dos alicerces do prédio da escola, constrói-se já nas vontades de quem concebe a escola, no seu desenho arquitetônico, na geografia do local, na vizinhança que a recebe. Ainda, em seu espaço físico, nos encontros e desencontros que se efetuem, dos agenciamentos entre corpos, trajetos, ritmos, suores, odores, sons, forças que circulam pelo território (OLIVEIRA; FONSECA, 2006, p. 137).

Quer aprofundar seus conhecimentos sobre o Currículo Cultural da Educação Física e conhecer práticas nessa perspectiva? Acesse:

Grupo de Pesquisas em
Educação Física Escolar
www.gpef.fe.usp.br



20 ANOS

Apresentação

Desde 2004, o Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GPEF-FEUSP) se reúne quinzenalmente para debater o ensino do componente na escola contemporânea, propor encaminhamentos para a prática pedagógica e analisar os resultados. Procurando colaborar com a produção científica da área, estabelece um diálogo com as teorias pós-críticas. Os professores e professoras participantes desenvolvem experiências didáticas e investigações com/do currículo cultural na Educação Básica e no Ensino Superior. Para compartilhar os conhecimentos produzidos e intercambiar trajetórias vividas, além das publicações em dissertações, teses, artigos, livros e capítulos de livros, o GPEF estimula a produção de relatos de experiências com a proposta e organiza periodicamente o Curso de Extensão "Currículo cultural da Educação Física: perspectivas política, epistemológica e pedagógica" e o Seminário de Metodologia do Ensino de Educação Física.



Referências:

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física cultural: inspiração e prática pedagógica**. Jundiaí: Paco, 2018.

NEIRA, Marcos Garcia. **O currículo cultural da Educação Física em ação: a perspectiva dos seus autores**. 2011. 323 f. Tese (Livre-Docência) Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2011.

NUNES, Mário Luiz Ferrari; NEIRA, Marcos Garcia. Os Estudos Culturais e o ensino da Educação Física. IN: NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural**. São Paulo: Blucher, 2016.

OLIVEIRA, Andréia Machado ; FONSECA, Tania Mara Galli . Os devires do território-escola: trajetórias, agenciamentos e suas múltiplas paisagens. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6849>. Acesso em: 23 jul. 2021.



Comunicação Oral

Práticas pedagógicas de Educação Física no ensino fundamental

PRÁTICAS COLABORATIVAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS COM O GOALBALL

Alcides Cordeiro Vieira¹
Arthur Braz Rocha Borges de Oliveira¹
Beatriz de Souza Maia¹
Esthela Basílio Wanzeler¹
Isadora do Amaral e Souza¹
Max Alexandre Tristão de Almeida Filho¹
Pamela Ribas¹
Wesley da Silva Nascimento¹

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou — eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu preciso ser Outros.
(Barros, 1996).

Introdução

Baseando-se nessa ideia de Manoel de Barros, este artigo tem como objetivo discutir, problematizar e produzir experiências de formação docente a partir das demandas da disciplina “Estágio Supervisionado da Educação Física no Ensino Fundamental I”, levando-se em conta a nossa incompletude e a busca pela formação.

A escola está localizada no bairro República, em Vitória/ES, perto do aeroporto e vizinha de alguns bairros nobres da capital. A escola é pequena, mas conta com uma boa infraestrutura e profissionais competentes. Pela manhã, a escola atende apenas o Ensino Fundamental I. As turmas com as quais nós, estagiários, trabalhamos junto ao professor Dionésio foram: 2A, 2B, 4B e 5B. Cada turma tinha, em média, 20 crianças. As turmas contavam com um estagiário para atender as crianças com necessidades educacionais especiais.

A modalidade que escolhemos trabalhar em nosso estágio foi a do goalball, sendo assim Oliveira (2017, p. 6) contextualiza que:

O goalball originou-se na guerra com o objetivo de reabilitar soldados lesionados, hoje é uma modalidade esportiva praticada por deficientes visuais. Diferente dos outros esportes paraolímpicos o goalball foi criado especificamente para pessoas com esse tipo de deficiência.

¹ Acadêmicos do 6º período do curso de Licenciatura em Educação Física.

Assim que chegamos na escola, começamos a acompanhar o professor nas aulas que ele ministrava para as crianças, vimos que estava trabalhando a história dos Jogos Olímpicos. Observando isso, pensamos e decidimos continuar nessa trajetória. Foi aí que surgiu a ideia de trabalhar com o goalball, pois seria muito interessante abordar um esporte paraolímpico, já que, em 2024, serão disputados os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos em Paris.² Com isso, além das crianças aprenderem um pouco da história, sairíamos do padrão de sempre trabalhar as mesmas modalidades. Também poderíamos assim fomentar a ideia de inclusão já no Ensino Fundamental I.

Buscando referências na BNCC,³ percebemos que não há menção específica ao trabalho com goalball ou qualquer modalidade adaptada e/ou paraolímpica. Contudo, a classificação mais próxima está em esportes de rede/quadra dividida ou parede de rebote.

Além dos aspectos das prescrições curriculares, tal como mencionado na BNCC, compreendemos que a formação docente e a prática pedagógica são elementos que influenciam diretamente a qualidade do ensino e da aprendizagem dos estudantes. É crucial identificar os problemas e questões a serem exploradas na formação dos professores e na prática pedagógica indo além do domínio do conteúdo; incluindo o desenvolvimento de habilidades pedagógicas que permitam a adaptação aos diferentes perfis de estudantes. Já a prática pedagógica busca o desenvolvimento integral dos alunos, incluindo habilidades socioemocionais e uma compreensão crítica do mundo.

Este artigo investigará duas questões principais. Primeiramente, exploramos os desafios enfrentados pela formação inicial de professores na preparação para o ensino de modalidades esportivas adaptadas, como o goalball. Em nossas aulas, trabalhamos diversas habilidades e capacidades motoras do goalball, proporcionando aos estudantes um maior conhecimento sobre seus corpos, suas qualidades e limitações. Também buscamos aprofundar o entendimento sobre a história e os conceitos do goalball para superar preconceitos sociais. Identificamos as particularidades deste esporte na unidade de ensino, permitindo uma compreensão mais profunda de suas características e execução prática. Em seguida, analisamos como os alunos têm

² Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2024 em Paris - <https://olympics.com/pt/paris-2024>.

³ BNCC - Base Nacional Comum Curricular - <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>.

respondido a essas iniciativas e os impactos percebidos em sua compreensão sobre inclusão e diversidade no contexto esportivo.

Metodologia

Em concordância com o pressuposto do poeta Manoel de Barros, de que a riqueza humana está em sua incompletude, considera-se a ideia de que independentemente de nossa atual posição, estamos todos em processo de formação, todos vivemos mudanças rotineiramente (Nascimento et al., 2012). Na condição de professores/estagiários vivenciamos a experiência da docência, que o estágio obrigatório nos proporciona, desejosos para aprender, ensinar e sermos mudados durante esse processo, junto aos professores e aos alunos. Deste modo, este artigo se compromete em realizar uma narrativa de formação docente (Nascimento et al., 2012), não como descrição, ou como completude de experiências, mas como afetação, tratando dos elementos que nos atravessam, nos tocam, nos transformam e qualificam nossa formação.

Segundo Larrosa (2002) a experiência é um processo profundo e pessoal que nos transforma, essa significação vai contra a acumulação de informações ou eventos que não deixam marcas nas vidas das pessoas. Nunes e Ventorim (2017, p.) concordam ao dizer que “Como sujeitos da experiência somos alterados por aquilo que nos é exterior, mas nos atravessa, também reconhecemos que estamos narrando nossa transformação. Não apenas dos nossos/as alunos/as, mas de como também nos formamos nesse processo.”

Devido a isso, a prática educacional, não pode ser limitada simplesmente a transferir informações, pois é reconhecida a dinamicidade presente em sala de aula que vai além dessa perspectiva (Nascimento et al., 2012). Partindo deste pressuposto, as aulas ministradas surgiram da tematização escolar sobre as olimpíadas de Paris. Assim, para alinharmos com a ideia da escola, tomamos como norte o currículo cultural e como conteúdo o Goalball para a nossa intervenção pedagógica.

Em sequência passamos a abordá-lo como esporte paraolímpico a ser conhecido, vivenciado e experienciado pelos educandos. Os alunos tiveram acesso a modalidade, jogando, formulando diferentes maneiras de arremessar a bola e estratégias tanto para ataque quanto para a defesa. No que se refere à relação entre professor/aluno:

[...] Nós professores-estagiários, precisamos identificar o modo como é possível proporcionar aos seus/as alunos/as condições para que possam produzir e se apropriar de forma crítica e criativa dos diferentes conhecimentos que envolvem a disciplina Educação Física. (Nascimento et al., 2012, p. 106).

Para esse artigo, que valoriza as narrativas de formação docente, foram utilizados como instrumentos para a produção de dados os diferentes elementos que atravessaram nossa prática pedagógica, tais como: as rodas de conversa com os alunos nas vivências das aulas (se gostaram, se tiveram êxito, o que compreenderam sobre o Goalball), os registros em imagens (fotos e vídeos), os desenhos, a autoavaliação, o mural, ou seja, os registros pedagógicos que compartilham o saber construído, a opinião crítica sobre o tema e às abordagens nas aulas.

Desenvolvimento

No decorrer do período de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I, as primeiras visitas foram destinadas ao acompanhamento e observação das atividades do professor de educação física, para uma análise do cotidiano escolar e também de adaptação, tanto nossa com as crianças, quanto deles com as pessoas que estavam entrando nas suas rotinas. Esse processo é muito importante, para um diagnóstico da escola e dos alunos, também para que possamos nos organizar e elaborar o planejamento das atividades que serão aplicadas.

Em meio a esse período de acompanhamento e observação, nos reunimos com o professor para o melhor entendimento da rotina e dos conteúdos que poderíamos trabalhar nesse período de estágio. Por ser ano de olimpíadas, estava sendo aplicado os conteúdos dos jogos olímpicos nas aulas de educação física, sendo assim essa seria a nossa temática para as intervenções. Dessa forma, nós estagiários, escolhemos a modalidade do Goalball a ser aplicada, pois como eles já estavam habituados com jogos olímpicos, decidimos apresentar os jogos paraolímpicos e em específico uma modalidade que foi criada especialmente para pessoas com deficiência, e não um esporte adaptado. Assim como Borgmann, destacamos que:

O esporte paralímpico é um fenômeno mundial que está presente em todos os âmbitos da sociedade, principalmente devido ao sucesso dos Jogos Paralímpicos, maior evento mundial para pessoas com deficiência, e ao gradativo crescimento e

desenvolvimento desse movimento, com ascensão também no cenário escolar (Borgmann, 2013, p. 9).

Para o planejamento das aulas, buscamos a BNCC, [...] “a base comum curricular, é um documento de caráter normativo, referência para que as escolas e os sistemas de ensino elaborem seus currículos, constituindo-se instrumento de gestão pedagógica das redes” (Brasil, 2016), a qual não faz menção ao esporte, no entanto ele se encaixa na classificação de esporte de rede/quadra dividida ou parede de rebote, onde

Rede/quadra dividida ou parede de rebote: reúne modalidades que se caracterizam por arremessar, lançar ou rebater a bola em direção a setores da quadra adversária nos quais o rival seja incapaz de devolvê-la da mesma forma ou que leve o adversário a cometer um erro dentro do período de tempo em que o objeto do jogo está em movimento (Brasil, 2017, p. 214).

No entanto, escolher trabalhar com o goalball nas escolas traz diversos benefícios para os alunos, assim como um desafio, tanto para os alunos, quanto para os professores. Para nós, professores/estagiários, o maior desafio foi conseguirmos os materiais oficiais para o jogo, como vendas e bola com guizos. Para as vendas, a solução foi confeccioná-las, de forma manual, usando tecido de TNT, e a bola conseguimos emprestada com a Ufes, porém não foi a bola oficial, e sim a do futebol de 5, sendo possível promover a experiência para os alunos. Caso não conseguíssemos a bola com guizos, faríamos adaptações, usando bolas comuns dentro de sacolas plásticas, pois a intenção é de que a bola, quando estiver em movimento, faça barulhos para que o jogador possa escutar durante o jogo.

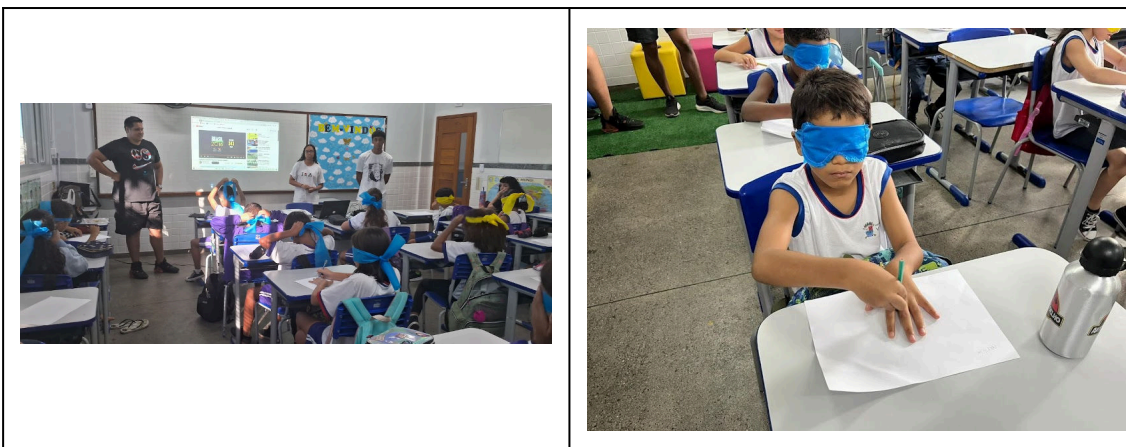
Ademais, o objetivo da decisão pelo goalball foi de sensibilizar os alunos para a diversidade e a inclusão, a fim de ajudar a criar uma cultura de entender as diferenças e não repugna-las. Desse modo, traz um desenvolvimento cognitivo e sensorial, o qual exige o uso intensivo dos sentidos auditivo e tátil, essenciais para o jogo, além de melhorar a concentração e percepção espacial. Sua prática contribui com a coordenação motora, ajudando a desenvolver habilidades específicas que são benéficas para os estudantes além de incentivar o trabalho em equipe e a cooperação, fortalecendo as relações sociais, assim promovendo empatia e confiança entre os alunos. Portanto, “uma prática capaz de envolver a diversidade da cultura corporal e desenvolver a socialização e as capacidades cognitivas, físicas, sensoriais e

motoras”(Lorijola, Silveira, Serra, 2019, p. 3). Dessa forma, construir autonomia sobre o conteúdo tematizado, através do processo de vivência, faz com que os alunos reconheçam os valores e os significados atribuídos à prática do goalball.

A presença de um novo tema para as aulas de Educação Física ou para o currículo escolar, permite ao professor buscar outros conhecimentos, como o esporte paralímpico, acrescentando outras informações às suas aulas, e permitindo aos alunos a aprendizagem de valores, como o respeito pelas diferenças (Borgmann, 2013, p. 26).

Em nossas intervenções nas aulas de educação física, nos dividimos em grupos (dois grupos de três estagiários e um grupo de dois estagiários), para que todos os estagiários pudessem experimentar e vivenciar melhor as práticas docentes. Além disso, decidimos por explorar o goalball com todas as turmas, mesmo tendo diferenças de idade, concluindo que a atividade estava apta a ser aplicada para todos.

Primeiramente, iniciamos com uma aula expositiva, nesta apresentamos o contexto das paraolimpíadas, seguido do desporto - goalball. A aula foi ministrada na sala, com utilização de slides, vídeos, além de atividades lúdicas como: escrever seu nome, desenhar sua mão e formas geométricas em uma folha, estando vendados, além disso pedimos que se descrevessem fisicamente como é indicado para deficientes visuais. Um aspecto interessante foi a reação das crianças após assistirem aos vídeos de goalball. Ficaram impressionados ao verem cegos praticando esportes. Logo para a próxima aula (segunda semana), desenvolvemos atividades sensoriais, em que os alunos foram divididos em duplas, estando um deles vendado e o outro como guia, a qual consistia em os colegas sem a venda guiar os que estivessem vendados até as fitas que foram coladas em torno da quadra para a realização da atividade, depois de um tempo, trocavam de papéis. Nesta semana, reparamos que os alunos não tinham entendimento de direção e nem do campo espacial, por isso para terceira aula/semana, trabalhamos as direções - direita e esquerda - com a brincadeira terra e mar, fazendo adaptação de direita e esquerda (colocar o que mais foi trabalhado nesse dia).



Fonte: Arquivo pessoal

A partir da quarta semana, nos aproximamos do esporte com brincadeiras que envolviam o aprendizado de ataque e defesa. E assim seguiu da mesma forma na quinta semana. Os alunos estavam todos entusiasmados, tentavam reproduzir os movimentos do jogo, demonstrando grande interesse e envolvimento. A única dificuldade foi controlar a agitação dos alunos, que queriam todos jogar ao mesmo tempo. No entanto, essa agitação foi rapidamente resolvida com uma organização, com torcida para os que estavam fora do jogo.



Fonte: arquivo pessoal

Por fim, na sexta semana, foi a última em que aplicamos o golbol, e nessa fizemos o jogo com os alunos (adaptado para escola que estava nos estagiando e com as condições que tínhamos no momento), através de marcações no chão feitas com barbante e fita crepe, assim como tem no jogo, e a demarcação dos limites da quadra com barbante e cones. Inicialmente, colocamos os alunos para sentir as marcas elevadas no chão e os espaços delimitados pelo barbante. E assim, separamos os times, e em processo de revezamento, os alunos iam de três em três praticar o goalball. Os que ficavam aguardando sua vez de jogar, auxiliavam os que estavam jogando.



Fonte: Arquivo pessoal

Dessa forma, destacamos que os alunos se mostraram bastante entusiasmados com as atividades que levaram a prática do goalball, porém havia uma fala comum entre todos: - vamos ter que usar a venda de novo; - o jogo é legal, eu gosto, mas não gosto da venda, ela incomoda. Assim seguia em todas as turmas. Apesar dessas reclamações, ninguém deixou de participar ou falou que não iria colocar a venda. Durante as aulas o professor nos observava e algumas vezes nos orientava sobre algo que poderíamos fazer para melhorar, como: não deixar as crianças esperando muito tempo chegar a sua vez de fazer atividade; detalhar mais as explicações que damos aos alunos. No mais, ocorreu de forma tranquila, tivemos poucos momentos de indisciplina, normalmente aconteciam com alguns alunos em especial, os quais tinham dificuldades em cumprir ordens e manter-se quietos.

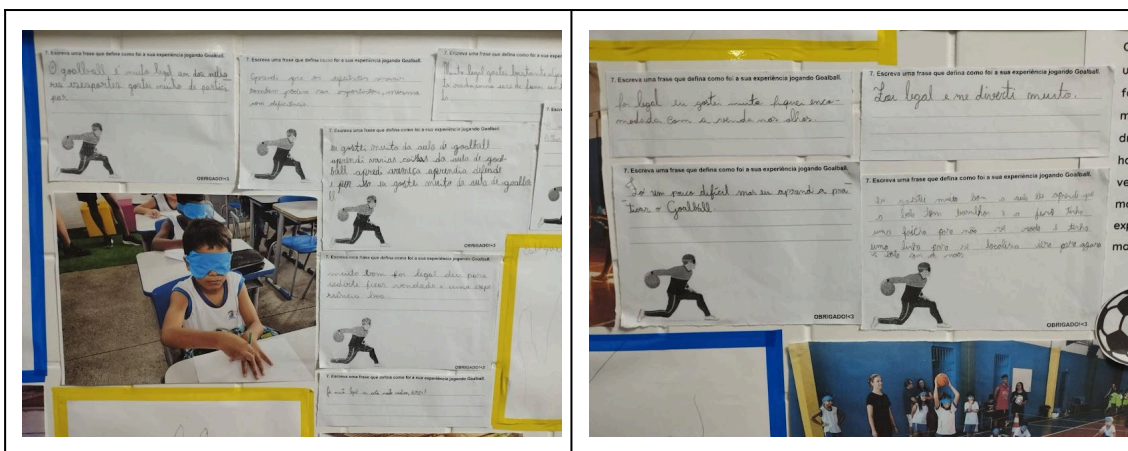
Na semana que começamos a aplicar o esporte paralímpico vivenciamos a animação, a curiosidade e como sempre a reclamação sobre a venda.



Fonte: Arquivo pessoal

Para o último dia de aula com eles, entregamos uma pequena atividade avaliativa para que eles nos contassem o que aprenderam e qual foi a experiência de ter praticado um esporte que não conheciam, essas foram algumas das respostas dadas por eles:

- *o goalball é muito legal, um dos melhores esportes gostei muito de participar;*
- *aprendi que os deficientes visuais também podem ser esportistas, mesmo com deficiência.*
- *eu gostei muito da aula de goalball aprendi várias coisas da aula de goalball aprendi arremessar aprende a defender e por isso eu gostei muito da aula.*
- *Foi muito bom, foi legal, deu para se divertir e ficar vendado, é uma experiência boa.*
- *Eu gostei bastante, tive a experiência de como eu seria cega!*



Fonte: Arquivo pessoal

A escola nos cedeu um espaço para que fizéssemos um mural com as atividades que fizemos durante o período de estágio. Neste mural colocamos uma breve explicação do Goalball, a primeira atividade que aplicamos e o futebol, a segunda atividade trabalhada por nós. A reação dos alunos ao se verem nas fotos e frases coladas na parede foi muito prazerosa, nos dando a certeza de que fizemos a escolha certa para nossas vidas, a de ser professor.





Fonte: Arquivo pessoal

O mural:



Fonte: Arquivo pessoal

As turmas que trabalhamos na EMEF Arthur Costa e Silva:





Fonte: Arquivo pessoal

Os professores/estagiários, a Professora orientadora da disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I, Dra. Kezia Rodrigues Nunes e o professor supervisor da escola Dionésio Anito Teixeira Heringer:



Fonte: Arquivo pessoal.

Portanto, integrar o goalball nas escolas pode ser um passo importante para uma educação mais inclusiva e abrangente, assim como Oliveira destaca que “a inclusão escolar centraliza-se na concepção de educação de qualidade para todos, no respeito à diversidade dos alunos” (Oliveira, 2017, p. 6), a fim de promover um ambiente mais justo e colaborativo, beneficiando todos os alunos.

4. Registros Fotográficos



Fonte: Arquivo pessoal

Conclusão

Diante de uma análise do que já estava sendo realizado na escola, buscamos dar progressão ao conteúdo olimpíadas que já era trabalhado pelo professor titular, mas de forma que demonstrasse novas culturas olímpicas que desafiassem os alunos e os próprios professores/estagiários.

Como visto nos tópicos anteriores, a formação docente e a prática educacional influenciam diretamente na qualidade do ensino e, desta forma, como estamos todos em processo de formação, o conteúdo proposto foi um desafio procurado pelos professores/estagiários que estavam desejosos para aprender, ensinar e ser desafiados durante o processo.

Durante a disciplina do Estágio, antes de adentrarmos nas escolas, pudemos trabalhar a BNCC e diversos textos que serviram de fundamentação para a prática. E foi por conta dos debates em sala que a escolha do currículo cultural apresentou-se ser a que melhor preenchia os anseios dos professores/estagiários com o que se propunham, uma vez que o currículo cultural foi a chance de descolonizar o currículo e ancoragem social dos conhecimentos (Muller e Neira, 2018, p. 778), desta forma nos foi oportunizado trabalhar o Goalball com os alunos, o que fez com que os professores/estagiários saíssem da zona de conforto.

O grupo de professores/estagiários estavam unidos e ávidos a se desafiarem, ao apresentar o tema proposto foi possível ter um *feedback* da professora orientadora, que destacou a importância dos registros e fez apontamentos para a realização do painel. Também nos auxiliou em todo o tempo que estivemos na escola, e foi imprescindível para nossos aprendizados, pois estava sempre aconselhando-nos e contribuindo para agregarmos novos conhecimentos em nossa formação. O apoio do professor regente, foi de extrema importância pois, colaborou conosco a todo momento e sempre estava disposto a ajudar, nos auxiliando quando fosse necessário. O comprometimento de nós, estagiários, foi de suma importância para que o resultado se tornasse, de certa forma, melhor do que o esperado e sendo assim, realizado com excelência, durante as aulas.

Nesta feita, foi toda a preparação realizada pela professora do estágio e a oportunidade de laborar em uma escola organizada com profissionais sérios, que foi possível explorar toda potencialidade dos alunos de forma a proporcionar reflexões dos professores/estagiários, e ao ver alguns relatos dos alunos também nos demonstra que o objetivo de dar condições para que pudessem produzir e se apropriar de forma crítica e criativa do conteúdo foi alcançado.

5. REFERÊNCIAS

BORGMANN, T. **O ensino do esporte paralímpico na escola a partir da visão dos professores: o caso do goalball e do voleibol sentado**. 2013. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <https://paradesporto.unifesp.br/repositorio/trabalhos/4337d687c2d0c321cfcb44f99fcbd5750af33.pdf>. Acesso em: 27 de junho de 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. 2ª versão. Brasília: MEC, 2016.

LORIJOLA, I. T. de A., SILVEIRA, J. F. da, SERRA, F. T. A opinião de adolescentes sobre a prática do Goalball como conteúdo da Educação Física no Ensino Médio. **Revista Científica da FAMINAS**. Mogi das Cruzes – SP. v. 14, n. 1, p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://periodicos.faminas.edu.br/index.php/RCFaminas/article/view/415>. Acesso em: 28 de junho de 2024.

OLIVEIRA, M. J de. **A utilização do goalball na Educação Física escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso. Educação Física - Licenciatura. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília. 2017. p. 28. 2017.

Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13104> . Acesso em: 27 de junho de 2024.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro , n. 19, p. 20-28, abr. 2002 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso>. acesso em: 26 de junho de 2024.

MÜLLER, A.; NEIRA, M. G. Avaliação e registro no currículo cultural da Educação Física. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 29, n. 72, p. 774–800, 2021. DOI: 10.18222/ae.v29i72.5030. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/ae/article/view/5030>. Acesso em: 27 jun. 2024.

PRÁTICAS COLABORATIVAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS COM O CONTEÚDO DE GINÁSTICA PARA TODOS (GPT)

Adenor Ferreira dos Santos Neto
Adryelle Monteiro Ganda
Camille Stephani de Araujo Severgnini
Julha Zuccolotto Tótola
Luana Barroca Garcia Dias
Patricia do Rosario Almeida
Otávio Seara Brito
Richard Bruno Mesquita Silva

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir, problematizar e produzir experiências de formação docente a partir das demandas da disciplina “Estágio Supervisionado da Educação Física no Ensino Fundamental I”. A disciplina é composta por parte prática e teórica, totalizando a carga horária de 105h, de acordo com a grade curricular da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) a qual o estágio foi vinculado.

Nessa perspectiva, apoiamo-nos em Caparroz e Bracht (2007) ao postularem sobre a importância da relação entre teoria e prática como uma ferramenta potencializadora à constituição da autonomia docente, haja vista as possibilidades que os saberes compreendidos como teóricos possibilitam aos professores no sentido da construção de novos conhecimentos a partir das situações incertas e singulares encontradas nas diferentes e diversas práticas pedagógicas (CAPARROZ; BRACHT, 2007 *apud* SÁ et.al, 2017, p.359).

A escola a qual o grupo estagiou está localizada na cidade de Vitória-ES, mais especificamente no bairro Itararé, que é um dos mais conhecidos da Grande Vitória, situado em uma região de muito movimento e marcado pela violência e tráfico de drogas e vulnerabilidade social. O movimento observado no entorno da escola é constante, além de ter por perto o Quartel da Polícia Militar. No entanto, infelizmente isso não é sinônimo de segurança para as crianças e colaboradores da escola, refletindo diretamente no contexto escolar. Ao acompanhar as aulas, durante conversas com os professores, compreendemos que o público da escola é misto quanto a classe econômica havendo predominância de famílias em situação de vulnerabilidade social. É comum presenciarmos disputas territoriais pelo tráfico de drogas no bairro e na vizinhança.

Durante o nosso período de vivências na escola, fomos auxiliados pela professora Carla, que ministra a disciplina de Educação Física no ensino fundamental I. Assim, acompanhamos as aulas dos 1º anos A e B, e 3º ano A, tendo aproximadamente entre 70 e 80 alunos.

Assim, elegemos o conteúdo da Ginástica para se trabalhar na escola, sendo mais especificamente a modalidade da Ginástica Para Todos (GPT) por reconhecer sua contribuição para a formação ampla das crianças.

De acordo com a BNCC:

A ginástica geral, também conhecida como ginástica para todos, reúne as práticas corporais que têm como elemento organizador a exploração das possibilidades acrobáticas e expressivas do corpo, a interação social, o compartilhamento do aprendizado e a não competitividade. Podem ser constituídas de exercícios no solo, no ar (saltos), em aparelhos (trapézio, corda, fita elástica), de maneira individual ou coletiva, e combinam um conjunto bem variado de piruetas, rolamentos, paradas de mão, pontes, pirâmides humanas etc. Integram também essa prática os denominados jogos de malabar ou malabarismo. (BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018, p. 217).

Nossa escolha de conteúdo se deu através das oficinas que realizamos na universidade, além da familiaridade de alguns integrantes do grupo com o mesmo, o que nos proporcionou segurança no trabalho com esse conteúdo.

De acordo com Esteban e Zaccur (2002, p. 23),

[...] coletivamente, [...], fica garantida a pluralidade de ideias e caminhos, estimulando um olhar mais crítico para a realidade. Este movimento dá condições para que cada um se fortaleça como sujeito e, no coletivo, torne-se mais competente para formular alternativas viáveis de transformação do real. (ESTEBAN; ZACCUR, 2002, p. 23).

Conforme a análise feita na escola e o perfil das crianças, tivemos convicção sobre o conteúdo, pois, observamos que a ginástica reúne elementos corporais (motores), interação social e a não competitividade, e por essas razões se mostrou o melhor conteúdo a ser trabalhado. A organização das aulas se deu por meio do estabelecimento de um cronograma criado pelo grupo que buscou seguir uma progressão pedagógica, composta por uma sequência de 10 semanas intervenções, que resultou na culminância final de despedida dos estagiários.

Acreditamos que ao longo deste artigo ficará claro o aprendizado das crianças. Buscamos desenvolver a interação entre os alunos, a cooperação e o amadurecimento de decisões e condutas, o que evidenciou uma melhora significativa ao final do estágio. Em razão das questões levantadas, buscaremos responder às seguintes questões norteadoras desta prática: Quais conhecimentos e experiências foram ampliados pelos estagiários no trabalho com o conteúdo da ginástica? Por estarem inseridos em um contexto social vulnerável/violento, quais as contribuições do conteúdo de Ginástica Para Todos, nesse contexto social e suas contribuições para a comunidade?

Metodologia

Este artigo trata-se de um estudo narrativo, do tipo relato de experiência, que Ventorim *et al.*, (2011) acredita ser essencial na formação profissional de cada indivíduo, levando-os a pensar sobre seus cotidianos, as experiências, e ajudam a refletir suas trajetórias profissionais. Onde relata que

[...] narrativas escritas ou orais permitem, pela exteriorização do conhecimento de si mesmo e das diversas dimensões dos saberes e fazeres docentes, a oportunidade de construção de um processo de reflexão e interpretação das histórias de vida e das trajetórias e percursos profissionais.

O estudo foi realizado entre os meses de Março a Junho de 2024, em uma escola municipal de Vitória/ES, a escola é bem estruturada e oferece uma variedade de espaços pedagógicos, incluindo laboratório de ciências, auditório, sala de atendimento educacional especializado (AEE), sala de informática e outros espaços. O prédio é acessível, com opções de rampa ou escadas para acesso ao segundo andar. Para as aulas de educação física, há duas quadras disponíveis: uma coberta e outra ao ar livre, além de um pátio externo e um parquinho. O uso dos espaços é revezado entre as professoras das séries iniciais e finais.

Para a produção dos dados deste estudo, utilizamos registros de imagem capturados pelo grupo. Além disso, realizamos observações das atividades, do comportamento e do processo de aprendizado das turmas. Essas observações foram discutidas em rodas de conversa ao final de cada aula, contribuindo para a construção de um diário de campo, utilizado como base para a produção do presente artigo.

O estudo consistiu em 10 semanas no interior da escola, sendo duas semanas de observação da turma e diagnóstico, e oito semanas de aulas ministradas. O grupo, que consistia em oito professores(as) em formação, foi dividido em três grupos, 1 dupla e 2 trios, que equivalem a quantidade de turmas que as aulas seriam ministradas. As aulas ocorreram às quartas e sextas-feiras com duração de 55 minutos cada aula, no horário de 7h às 10h. Sendo a sexta-feira até às 8:40h, separando o tempo restante para planejamento.

Desde o início da disciplina trabalhamos o conceito de experiência, assim articulamos debate para melhor entendermos esse conceito, que segundo Larrosa (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Deste modo, no processo das elaborações das aulas indagamos sobre quais experiências proporcionamos para os alunos, a fim de desenvolver uma experiência enriquecedora, visando transformar as aulas em experiências significativas e positivas para eles.

Desenvolvimento

Após o período de observação, nós nos reunimos para criarmos uma sequência de aulas possível de ser realizada para as 3 turmas: 1º ano A, 1º ano B e 3º ano A. Tivemos como base as aulas de Oficina de Docência de Ginástica Geral, onde aprendemos que cada passo é importante e deve ser valorizado. Além da técnica do movimento, pensamos em como poderíamos ensinar com ludicidade para as crianças. Com isso, a cada semana os alunos aprendiam algo novo, com técnica e brincando.

A disciplina de estágio possui três unidades. A unidade um se refere aos conceitos e princípios teórico-metodológicos orientadores da intervenção no cotidiano da Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental, onde foi decidido o conteúdo a ser aplicado para as crianças, o planejamento e elaboração do plano de ensino das semanas de intervenções, organizados de acordo com o cronograma abaixo:

- 1) **Semana:** Foi a semana usada para conhecer a turma e eles conhecerem os(as) professores(as), foi contextualizado para as turmas sobre a temática trabalhada através de recurso midiático e introdução à figuras estáticas da Ginástica;

- 2) **Semana:** Continuidade da aula de figuras, com mais complexidade (realizadas em duplas e trios) e introdução ao rolamento;
- 3) **Semana:** Continuidade do rolamento e introdução a estrelinha;
- 4) **Semana:** Continuidade da estrelinha e introdução da parada de mão;
- 5) **Semana:** Continuidade da parada de mão e introdução à ponte;
- 6) **Semana:** Continuidade da ponte e introdução aos saltos;
- 7) **Semana:** Continuidade aos saltos e introdução ao ritmo/dança;
- 8) **Semana:** Continuidade ao ritmo/dança e introdução à fita;
- 9) **Semana:** Continuidade da fita e elaboração da apresentação final;
- 10) **Semana:** Apresentação final, comes e bebes.

A unidade dois teve como objetivo a organização do trabalho pedagógico e o desenvolvimento de projetos de intervenção pedagógica nos diferentes tempos e espaços educativos da Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental, sendo esta unidade dividida em dois momentos, inicialmente adentramos a escola como observadores, para conhecermos a escola, as crianças, familiarizar com suas rotinas e propor a professora o conteúdo escolhido pelo grupo para trabalhar com as turmas, passado esse período passamos a atuar, realizando nossas intervenções nas turmas como professores.

Fotos 1 a 4 — Figuras estáticas da ginástica



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Foto 5 e 6 — Rolamentos



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Foto 7 — Estrelinha



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Fotos 8 e 9 — Parada de mão



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Foto 10 — Ponte



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Durante o período de observação, percebemos a resistência dos alunos em receberem comandos da professora de Educação Física e dificuldades de participarem de aulas direcionadas. Sabíamos que não seria fácil, afinal, o nosso objetivo era dar aulas durante 10 semanas. Sabemos que o novo é difícil de lidar e muitas vezes gera estranheza. No começo, ouvimos algumas frases dos alunos e concluímos que

precisaríamos adaptar nosso jeito de lecionar, criarmos novas metodologias e acordos com as crianças.

“Eu não vou participar, eu quero futebol.”

“Hoje vai ter boneca, tia?”

“Eu não consigo fazer esse movimento.”

“Isso é difícil.”

Assim percebemos a necessidade de ser criada uma rotina, com combinados para os alunos seguirem em todas as aulas ministradas. Segundo Chicon (2013), os combinados são aspectos importantes da aula para gerar uma sintonia na comunicação entre o docente e os discentes, contribuindo para o bom andamento das atividades e para o melhor controle sobre o comportamento das crianças, do espaço e tempo da aula. Prezamos por iniciar sempre com um momento de conversa em roda, onde os estudantes falavam sobre como estavam se sentindo e relembavam sobre o conteúdo dado na aula anterior. Além disso, sempre apresentávamos a temática do dia, explicando como ela se daria do início ao fim. Ao final de cada aula, nós nos reuníamos em roda novamente para conversar sobre a aula que eles tiveram, pois precisávamos saber se o conteúdo foi aprendido, qual parte eles gostaram mais, se tiveram dificuldades, se foi prazeroso ou não. Após a conversa, cumpríamos com o acordo feito com os alunos, liberando a bola de futebol, de basquete, cordas e bonecas para eles brincarem.

Além disso, é possível observar nas fotos acima, que a turma era sempre dividida em grupos para que facilitasse a realização das práticas, de modo que as crianças não precisassem ficar esperando para chegar a sua vez de realizar a atividade, fazendo com que a aula se tornasse mais dinâmica e interessante, para elas e, consequentemente, com menos dispersão das crianças.

Como foi citado inicialmente, as falas das crianças apresentavam bastante resistência. Esse era o cenário inicial, onde os meninos queriam apenas esportes e as meninas queriam apenas brincar de boneca, pular corda ou não queriam participar da aula. Nós percebemos que essas falas diminuíram a frequência ao longo das semanas. Após algumas aulas de ginástica, quando buscamos uma das turmas, uma das crianças perguntou se naquele dia iríamos “brincar de ginástica”, e aproveitamos para perguntar

se eles estavam gostando das atividades e todos pareciam estar gostando dessa nova atividade, que a maioria estava tendo contato pela primeira vez.

O nosso maior objetivo, ao decorrer desse período de estágio supervisionado, era que as crianças ampliassem os conhecimentos e experiências, compreendendo a potencialidade do seu corpo e outras possibilidades de brincar. A ginástica inicialmente era algo desafiador para as crianças e talvez, por isso, havia uma grande dificuldade de aceitação do conteúdo, buscando refúgios mais simples e conhecidos, como o futebol e a boneca. Porém, ao decorrer das aulas, elas foram descobrindo que são capazes de conhecer novas atividades, movimentos e habilidades com o corpo, que não haviam sido vivenciados e experienciados ainda.

Ao final do período de intervenção na escola, construímos um painel, onde pudemos colocar alguns registros das crianças, como fotos das aulas, o material construído e também desenhos e escritas, onde elas puderam mostrar os movimentos que aprenderam e seus nomes.

Foto 11 — Painel com registros das crianças.



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Foto 12 — Painel com registros das crianças.



Fonte: Acervo dos autores (2024).

A terceira e última unidade teve como propósito a pesquisa entendida como produção de conhecimento e sistematização da contribuição da prática social, sendo assim o desenvolvimento e produção deste artigo.

Refletindo sobre as intervenções, nós estagiários, pudemos perceber como a disciplina de estágio supervisionado nos agregou em nossa formação conhecimentos teóricos e práticos, desenvolvendo assim saberes que nos tornam professores mais capacitados. Segundo Nunes e Ventorim (2014, p. 2) “O saber das experiências amplia nossa compreensão a respeito de nossas trajetórias acadêmicas e de nossos processos de formação”. Assim destacamos conhecimentos e experiências que foram ampliados, tal como, a capacidade de adaptar as atividades, entendendo as necessidades individuais de cada aluno, para que pudessem participar de maneira significativa das aulas; desenvolver uma comunicação eficaz, para garantir que nossas instruções fossem claras e acessíveis para todos os alunos; garantir um espaço seguro para que os alunos se sentissem confortáveis a desenvolver as atividades propostas.

Desse modo, é válido destacar que as experiências obtidas no estágio são essenciais para a nossa formação profissional. É o momento onde podemos colocar os nossos conhecimentos, predominantemente teóricos, em prática e aprender, junto às crianças, novas formas de ensinar e de lidar com possíveis situações problemas que teremos que resolver ao longo do trabalho com crianças e adolescentes.

Durante as aulas de educação física, percebemos uma diferença no comportamento dos alunos do início para o final do período de mediação. Nas primeiras conversas, perguntamos quais suas atividades favoritas, o que gostavam de brincar, e obtivemos a mesma resposta de diversas crianças. A maioria dos meninos falaram futebol, e outras poucas atividades diferentes. Ao final do período de intervenção, as crianças, em sua maioria, já não sentiam falta de brincar de futebol ou boneca. Conseguimos criar uma rotina funcional e um compromisso sério com os alunos, onde ambas as partes tinham responsabilidades e deveres a serem cumpridos. A cada aula nós ganhamos a confiança deles e vice e versa. A última semana de mediação foi extremamente importante para fecharmos um ciclo que foi lapidado por 10 semanas, onde notamos a evolução pessoal de cada aluno ali presente.

Considerações finais

No texto de Nunes, Neira, 2021. Os autores trazem um tipo de avaliação formativa dos discentes na etapa de ensino infantil. “Em seu art. 31, discorre: Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental (BRASIL *apud* Nunes; Neira, p. 861, 2021).

Em nossas aulas, utilizamos a avaliação formativa dos conhecimentos dos alunos, acompanhando e registrando as suas aquisições de novas aprendizagens, mas sem a intenção de promoção de série escolar. A nossa participação na escola teve o intuito de apresentar a ginástica para todos e melhorar as habilidades motoras fundamentais: locomoção, estabilidade e manipulação. Além de trabalhar questões comportamentais e sociais que surgiram durante as nossas intervenções.

Analizamos sistematicamente o desenvolvimento das aprendizagens, o interesse na participação da aula e os comportamentos sociais. Fizemos uma escuta atenciosa com as crianças que se dispuseram a conversar conosco. Fizemos anotações reflexivas sobre as observações e interações com as crianças. Além de, fotografias e vídeos para documentar as aulas. Ademais, elaboramos um portfólio para organizar todas as observações que fizemos, seja fotografia, escrita ou vídeo. Também, construímos um painel juntamente com as crianças, colocando todas as nossas aulas trabalhadas ao longo da unidade.

Para que todo o nosso trabalho pudesse ser realizado da melhor forma possível, fomos recebidos na escola pelo diretor, pelas pedagogas, pela coordenadora e pela professora de educação física, os quais nos acolheram para discutir as necessidades institucionais e manifestar sua disposição em apoiar nossas atividades docentes durante nosso período de estágio obrigatório na escola. Além disso, a equipe pedagógica da escola sempre esteve presente, indicando pautas que poderiam ser abordadas nas nossas aulas e auxiliando nos contextos e situações que a escola estava enfrentando. Expressamos nossa sincera gratidão pelo acolhimento e colaboração de todos durante este período.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018, p. 217.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002.

CHICON, José Francisco. **Jogo, mediação pedagógica e inclusão: um mergulho no brincar**. 2. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

ESTEBAN, M. T.; ZACCUR, E. (Org.). **Professor pesquisador: uma prática em construção**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

NUNES, Kezia Rodrigues; VENTORIM, Silvana. **NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DOCENTE: experiências no estágio supervisionado em educação física**. Revista Contrapontos, [S.L.], v. 17, n. 3, p. 460, 5 jul. 2017. Editora UNIVALI. <http://dx.doi.org/10.14210/contrapontos.v17n3.p460-484>.

NUNES, K.R.; NEIRA, M.G. **Currículo e avaliação discente na educação infantil: prática cartográfica dos registros cotidianos**. Revista Currículo sem fronteira. 2021.

SÁ, M. das G. C. S. de; BONFAT, D. L.; SILVA, E. M. da; CHICON, J. F.; FIGUEIREDO, Z. C. C. de. **O processo de formação inicial em Educação Física na perspectiva inclusiva: o que nos dizem os egressos?**. Práxis Educativa, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 356–372, 2017. DOI: 10.5212/PraxEduc.v12i2.0004. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8792>. Acesso em: 18 Jun. 2024.

PRÁTICAS COLABORATIVAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS COM LUTAS E ATLETISMO

Gabriel Nascimento de Freitas
José Eduardo Pereira de Freitas
Natália Magalhães Luiz
Murilo Bertoni
Pedro Tecla

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir, problematizar e produzir experiências de formação docente a partir das demandas da disciplina “Estágio Supervisionado da Educação Física no Ensino Fundamental I”. A análise foca nas práticas pedagógicas aplicadas durante o estágio e nas reflexões sobre os aprendizados dos estagiários e alunos.

O estágio foi realizado em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, situada no bairro Jardim da Penha, na cidade de Vitória. A escola atende alunos do Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II, com aproximadamente 700 matrículas distribuídas em todas as variantes de turmas. Para o cenário do estágio supervisionado, estivemos em composição com uma professora de educação física e os 5 estagiários da Universidade Federal do Espírito Santo.

Durante o estágio, os conteúdos abordados foram variados, incluindo atividades de Kung-fu, Karatê que foram vistas durante o período de observação e o atletismo e práticas de salto que foi o conteúdo eleito junto a professora e os estagiários. A escolha desse conteúdo foi guiada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que destaca a importância da diversidade nas práticas corporais e a integração de conteúdos que promovem o desenvolvimento integral dos estudantes. A motivação para esses conteúdos foi oferecer aos alunos uma experiência diversificada e enriquecedora, promovendo habilidades motoras e valores como disciplina, respeito e cooperação.

Identificamos vários desafios ao longo do estágio, como a gestão de turmas com diferentes níveis de habilidade e a adaptação de atividades para alunos com necessidades especiais. A colaboração entre estagiários e corpo docente foi essencial

para o sucesso das atividades. Duas questões principais emergiram para serem desenvolvidas neste artigo:

Quais conhecimentos e experiências foram ampliados pelos estagiários no trabalho com o conteúdo de educação física? Analisamos como os estagiários aprimoraram suas habilidades pedagógicas e de gestão de sala de aula e como a prática colaborativa contribuiu para sua formação docente. *Quais conhecimentos e experiências foram ampliados pelos escolares?* Investigamos como os alunos se beneficiaram das atividades propostas, incluindo o desenvolvimento de habilidades motoras e a promoção de valores como disciplina e trabalho em equipe.

Esta narrativa coletiva valoriza as experiências vividas na escola, trazendo elementos como conversas, problemas e soluções que emergiram ao longo do estágio.

Metodologia

Este artigo consiste em uma "narrativa de formação" como um guia do nosso estágio. Esta noção, desenvolvida por Larrosa (2002), Ventrone et al. (2011), Nascimento et al. (2012), e Nunes e Ventrone (2017), oferece um bom ponto de apoio teórico para uma reconceitualização dos estágios de formação de professores a partir da experiência, sendo utilizadas tanto como um instrumento de formação docente, para análise das dimensões pessoal e profissional do professor, como também método em pesquisas acadêmicas para acessar o percurso de vida e formação dos sujeitos..

Durante abril a início de junho, tivemos aproximadamente 10 semanas de um programa de estágio, no qual ministramos cerca de 20 aulas. A produção de dados foi realizada através de observações diretas e registros por meio de fotografias, vídeos e anotações sobre as interações entre professores e alunos. O uso desses registros ajudou a compreender as demandas de formação, desenvolvimento e ampliação de experiências dos estagiários e dos alunos.

A escola serve a uma comunidade de status socioeconômico variado e tem alunos com deficiências. A instalação da escola é suficiente para oferecer uma série de atividades físicas, em linha com a natureza inclusiva do currículo de Educação Física.

Na era pós-pandêmica, temos desafios além daqueles que estão agora em reintegrar a Educação Física no programa escolar, incluindo o fato de que o isolamento prolongado efetivamente enfraqueceu a capacidade física dos alunos. A escola reformulou seu programa de instrução para ajudar os alunos a recuperar lentamente e efetivamente sua capacidade física, por conta disso escolhemos trabalhar com a temática do atletismo.

Essas inclusões foram atividades leves e exercícios destinados a desenvolver a flexibilidade, força e resistência cardiovascular geral. Havia a necessidade de um sistema de avaliação contínua para monitorar o progresso dos alunos e, em caso de necessidade, modificar as atividades em conformidade. Outras inclusões foram estratégias de promoção da saúde mental para ajudar os alunos a lidar com o aspecto emocional e psicológico da pandemia.

Embora as Olimpíadas ainda não tivessem começado, a época pré-Jogos se tratava de um tempo especial para obter inspiração. As narrativas de atletas foram exemplos muito poderosos de resistência e superação. Tais narrativas foram utilizadas em um ambiente de ensino para motivar os estudantes. Os componentes dos esportes olímpicos foram utilizados nos estilos de ensino para que os alunos aprendessem uma variedade de habilidades esportivas e valores significativos, como perseverança e colaboração. Isso motivou não apenas a participação adequada, mas também ajudou a construir um ambiente inclusivo e social em termos de população estudantil.

As narrativas de desenvolvimento são úteis na prática reflexiva empreendida pela prática pedagógica em análise e no desenvolvimento profissional do estagiário, tanto que a prática reflexiva subsequente também permitiu a mudança e o desenvolvimento de estilos de instrução para melhor atender à população estudantil diversificada. A formação de professores, nesse sentido, equipou os professores em formação para não apenas serem práticos funcionais, mas também para serem transformadores, capazes de questionar e ativamente melhorar um mundo fluido em desenvolvimento.

Essencialmente, esta proposta está visionando como a Educação Física deve ser reformulada no ambiente pós-pandêmico para adotar tanto o desafio inspirador do

movimento olímpico. A abordagem altera a experiência educacional para os alunos e ajuda a direcionar os professores em direção ao desenvolvimento de líderes inovadores e compassivos em um sistema educacional em evolução e diversificado.

Desenvolvimento

Nas atividades de Kung-fu e Karatê, foi enfatizado a disciplina e o respeito, fundamentais nas artes marciais. A prática começou com a revisão dos movimentos básicos, seguidos de sessões de prática em pares e exercícios de coordenação. Para os alunos com necessidades especiais, foi adaptado pela professora os movimentos para garantir a participação inclusiva, nós mantivemos nossa observação atenta sobre esses fatores.

Figura 1 — Dojo



Fonte: acervo dos autores (2024).

Durante o estágio, os estagiários desenvolveram uma série de competências essenciais para a prática docente. As aulas de Kung-fu e Karatê no dojo, como relatado em 05/04 (cinco de abril) e na Figura 1, foi guiar os alunos do primeiro ano a um espaço que abriga tanto a prática do Karate quanto a meditação zendo. Lá, foi ministrado pelo sensei duas aulas, envolvendo-nos ativamente com os estudantes e recebendo orientações sobre como lidar com diferentes particularidades, como por exemplo os alunos com deficiência (PCD) e alguns que não poderiam ser fotografados, assim, exigindo a adaptação de práticas para alunos com diferentes níveis de habilidade

e necessidades especiais. Uma situação notável ocorreu em 10/04 (dez de abril), quando uma breve desatenção levou a um incidente durante uma atividade na saída de um aluno com necessidade especial, sublinhando a importância da vigilância constante e continua adaptação as exigências de cada turma.

Figura 2 — Circuito Atletismo



Fonte: acervo dos autores (2024).

No período que começamos a intervenção, iniciamos o trabalho com as atividades de atletismo e práticas de salto que proporcionaram oportunidades para os estagiários experimentarem e adaptarem suas abordagens pedagógicas. Em 17/04 (dezesete de abril), por exemplo, os alunos do 3º e 5º anos participaram de atividades de arremesso e corrida, que exigiram a organização cuidadosa da turma e a adaptação das atividades para diferentes níveis de habilidade.

Nas atividades de salto realizadas em 08/05 (oito de maio) e 10/05 (dez de maio), os alunos inicialmente mostraram hesitação e desinteresse. No entanto, à medida que as atividades progrediram, houve uma mudança perceptível em sua atitude. Os saltos tímidos se transformaram em uma participação entusiástica, com alunos demonstrando desejo de continuar praticando mesmo após o término das aulas,

evidenciando que a educação física no ensino fundamental desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças, influenciando não apenas o aspecto físico, mas também o cognitivo e motor. Esta disciplina, muitas vezes vista como uma simples atividade de recreação, vai além do movimento corporal e dos jogos, desempenhando um papel crucial no processo educacional (AQUINO et al., 2020).

Figura 3 — Circuito Atletismo



Fonte: acervo dos autores (2024).

Para o atletismo, as atividades incluíram arremesso e corrida, organizadas em jogos competitivos que incentivam a cooperação e o trabalho em equipe. Por exemplo, a turma do 5º ano participou de uma atividade de arremesso de dardo adaptada, onde a quadra foi dividida em zonas de pontos para criar uma dinâmica de jogo que mantinha os alunos engajados.

Nas atividades de salto, como relatado em 08/05 (oito de maio) e 10/05 (dez de maio), utilizamos uma abordagem lúdica para introduzir os alunos às técnicas de salto. As atividades envolviam o uso de bambolês e cordas para simular diferentes tipos de saltos, incentivando a criatividade e a confiança dos alunos.

Estas experiências contribuíram significativamente para o desenvolvimento das habilidades pedagógicas dos estagiários, especialmente em termos de gestão de sala de aula, adaptação de atividades e colaboração com os professores titulares.

Os alunos também experimentaram um crescimento notável durante o período de estágio. As aulas de atletismo, por exemplo, não apenas ensinaram técnicas de arremesso e corrida, mas também promoveram um senso de cooperação e competição saudável entre os alunos.


Figura 4 — Avaliação sobre as práticas de atletismo


AVALIAÇÃO FUNDAMENTAL 1

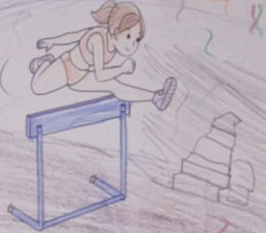
NOME: _____
DATA: _____
TURMA: _____

PROFESSORES: GABRIEL, JOSÉ EDUARDO, MURILO, NATÁLIA, PEDRO.


1- PINTE A FIGURA DA MODALIDADE DO ATLETISMO QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE FAZER NAS AULAS:



CORRIDA DE REVEZAMENTO



SALTO EM DISTÂNCIA



CORRIDA COM OBSTÁCULOS

2- PINTE A CARINHA DE COMO VOCÊ SE SENTIU NAS AULAS, DADAS PELOS ESTAGIÁRIOS:

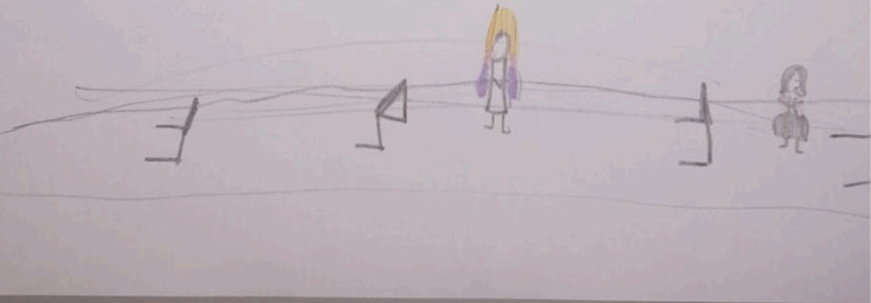

FELIZ


NÃO SEI


TRISTE


BRAVO

3- AGORA, FAÇA UM DESENHO E DEIXE UM RECADO PARA OS ESTAGIÁRIOS:



Fonte: acervo dos autores (2024).

Fizemos também uma avaliação escrita sobre as práticas do atletismo escolar que nos ajudou a perceber o progresso das crianças, identificando pontos fortes e áreas que precisam de mais prática. Ela também ajudou os alunos a refletirem sobre suas habilidades, aumentando sua motivação e autoconfiança, além de promover o entendimento dos aspectos técnicos do esporte, contribuindo para um aprendizado mais completo. A avaliação foi um momento significativo durante o estágio, onde os alunos deveriam pintar qual atividade mais gostaram, como se sentiram durante as aulas e no final fazer um desenho ou deixar uma mensagem para os estagiários.

Figura 5 — Mural



Fonte: acervo dos autores (2024).

Aplicar essa atividade avaliativa foi uma experiência diferente, uma vez que não é costume que as aulas de educação física no Ensino Fundamental I aconteçam dentro da sala. As avaliações foram expostas no mural da Escola.

Considerações finais

As práticas colaborativas no estágio supervisionado em educação física forneceram valiosas oportunidades de aprendizado tanto para os estagiários quanto para os alunos. Os estagiários ampliaram suas competências pedagógicas, aprendendo a adaptar atividades e a gerenciar a diversidade dentro da sala de aula. A colaboração

com os professores foi crucial para o sucesso dessas práticas e para a construção de uma abordagem pedagógica mais inclusiva e eficaz.

Para os alunos, as atividades de educação física se revelaram um meio poderoso para o desenvolvimento físico e social. As aulas proporcionaram não apenas a aquisição de habilidades motoras, mas também a promoção de valores essenciais como a disciplina e o trabalho em equipe. A evolução dos alunos, de uma aceitação relutante para um engajamento entusiástico nas atividades de salto, ilustra o impacto positivo das práticas pedagógicas bem estruturadas.

A participação no estágio supervisionado e nas práticas colaborativas trouxe diversas contribuições para a formação docente, destacando o potencial da educação física como um campo vital na formação integral dos estudantes. A experiência reforçou a importância de uma abordagem pedagógica inclusiva e motivadora, capaz de engajar todos os alunos e promover um aprendizado significativo.

Além disso, os estagiários aprenderam a adaptar atividades e a gerenciar a diversidade dentro da sala de aula, o que ampliou suas competências pedagógicas. Para os alunos, as atividades de educação física proporcionaram não apenas a aquisição de habilidades motoras, mas também a promoção de valores essenciais como disciplina e trabalho em equipe.

Referências

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

VENTORIM, S. et al. **Estágio supervisionado 1**. Vitória: Ufes/Nead, 2011.

NASCIMENTO, L. et al. **Experiências de Formação Docente no Estágio Supervisionado**. 2012

NUNES, Kezia Rodrigues; VENTORIM, Silvana. Narrativas de formação docente: experiências no estágio supervisionado em Educação Física. **Contrapontos**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 460-484, set. 2017

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

ELOSO, Kaio Henrique Marques; COSTA, Célia Regina Bernardes. **Educação Física escolar na promoção da Saúde.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo Do Conhecimento. Ano 01, Ed. 01, Vol. 10, Pp. 186-199. Novembro de 2016. ISSN: 2448-0959

AQUINO, Antonia Silvia Mesquita et al. Avaliação em educação física escolar sob a ótica de docentes do ensino fundamental. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**, v. 1, n. 2, p. e020010- e020010, 2020.



Memoriais de Formação Docente

MEMORIAIS DE FORMAÇÃO DOCENTE: NARRATIVAS DOS ESTUDANTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFES (2024)

Profa. Dra. Kezia Rodrigues Nunes

Esta sessão expressa o investimento em incentivar os estudantes a realizarem uma escrita de si, com pertencimento quanto a temas, cenários e conteúdos que atravessam sua constituição. A orientação da escrita faz composição com alguns textos que possam motivar a pensar as práticas escolares, os currículos da educação física (Nascimento et al, 2011; Muller; Neira, 2018) e os saberes da experiência (Larrosa, 2002).

Trata-se de uma atividade pensada ao início de uma das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado (ECS), a saber, a disciplina Estágio Supervisionado na Educação Física no Ensino Fundamental 1, como dispositivo para uma apresentação com base no nosso referencial teórico, que são os currículos como redes de conhecimentos, experiências e afecções (Nunes; Ferraço, 2018).

Por meio desta apresentação, fazemos conexão com cenas as memórias de infância, das crianças que fomos, dos saberes da educação física, das referências atuais (documentos, orientações, artigos científicos), da formação acadêmica no curso, e do nosso compromisso em contribuir profissionalmente com nossa prática com uma formação de qualidade, socialmente referenciada, com impacto contra as desigualdades para as crianças no cenário atual.

Em nossa aula, este é um dos momentos mais esperados! Além da leitura dos memoriais, em uma grande roda, também circulam fotos, boletins, carteirinhas estudantis, camisas de time, blusas de formatura, brinquedos, cartilhas, medalhas, desenhos, bonés, bolas, abraços, saudades, choros, sorrisos, e tudo mais quanto os estudantes desejam trazer para ampliar a dimensão estética das afetações, que podem nos aproximar das nossas experiências anteriores e das crianças atuais.

Na disciplina, a intenção da atividade é contribuir para que os estudantes possam produzir narrativas, artigos, planos e demais atividades articuladas às suas histórias, que são únicas e singulares! Assim, a seleção para publicação nos Anais dos trabalhos produzidos no ano 2023 busca compartilhar parte das cenas das quadras, escolas, parques, pátios, quintais e ruas. Com os cenários vividos nas escolas e famílias,

os desafios e conquistas registrados que compõem a vida das crianças que fomos, buscamos mover o pensamento dos leitores. Juntos, vamos mapeando com essas histórias os desafios atuais. Juntos, também vamos produzindo estratégias na coletividade docente, por meio de interações colaborativas interinstitucionais, para transformar a educação atual, com novas abordagens e perspectivas.

A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA PARA A MINHA FORMAÇÃO

Arthur Braz Rocha Borges de Oliveira

Foto: carteirinha de estudante do 9º ano e formatura do ensino fundamental



Fonte: Acervo do autor.

O texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, de Jorge Larrosa (2002), nos traz algumas reflexões sobre o significado e o que realmente é a ou uma experiência, segundo o autor: “É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (Larrosa, 2002, p. 25).

Sendo assim, se uma pessoa não é capaz de ter experiências, significa que ela está completamente isolada do mundo ao seu redor, onde nada lhe acontece, nada influencia e nada a afeta, para experimentarmos algo, devemos sair da nossa zona de conforto, buscar sempre algo e sentir verdadeiramente. Ainda segundo o texto, devemos também buscar uma experiência na prática, pois se apenas nos informamos sobre algo e buscamos ideias e opiniões de outras pessoas ou veículos de informações, estamos nos tornando um ser incapaz de experiência. Por isso é importante termos a nossa própria experiência, pois é ela que vai nos conectar com o mundo, construindo nossos conhecimentos, nos moldando e transformando.

Olhando hoje para trás, vejo a importância das minhas experiências como estudante hoje para a minha vida pessoal e acadêmica, estudei o ensino fundamental todo na mesma escola, sendo assim, tive diversas experiências satisfatórias e outras nem tanto, mas todas elas me ajudaram a me tornar quem sou hoje.

Como estudei quase a vida inteira na mesma escola, lá cresci, criei laços com professores e colegas que me ajudaram a criar a minha visão de mundo, interesses e etc. Com toda certeza as melhores lembranças de experiências que tenho são as das aulas de Educação Física, lá experimentei algumas modalidades diferentes com alguns professores que me fizeram ampliar meus interesses por esportes e escolher o curso que faço hoje, como por exemplo no ano de 2016, tive um professor que trabalhou durante todo o ano letivo com os jogos olímpicos, que naquele ano ocorreu no Brasil, foi o ano que mais me cativou, pois ele trabalhou toda a história das olimpíadas, modalidades que nunca havia praticado, como badminton, esgrima e atletismo, e fez trabalhos junto a outros professores, e foi ali que comecei a pensar, “talvez eu queira trabalhar com isso”.

Tive também experiências com alguns professores que na época não achava ruins, mas que hoje vejo que poderia ter sido melhor, como eu era viciado em jogar futebol, não ligava em jogar em todas as aulas, mas hoje vejo que no contexto geral da turma, muitos ficavam sentados sem fazer nada, ou não participavam por não terem afinidade, e hoje tenho uma visão melhor que não devo ser como esses professores “rola bola”, e sim explorar a vasta possibilidade que a educação física pode proporcionar na escola.

Olhando para o texto e recordando as minhas experiências como estudante, vejo que elas foram cruciais para a minha formação como humano e academicamente, tudo que me passou, vivi e experimentei, sendo elas experiências boas ou ruins contribuíram para o meu crescimento. O legado que essas experiências me deixaram, e que eu quero deixar para meus futuros alunos, é de que a educação física não é só o rola bola que muitos estão acostumados, quero trabalhar diferentes vivências e modalidades. Assim como tive em 2016, quero que elas sempre se lembrem daquela educação física em que experimentaram coisas diferentes, que essas experiências a marquem, e que possam ajudar também na sua formação, seja pessoal ou na escola mesmo, e que as experiências sejam mútuas, para que eu também possa aprender com elas, e buscar evoluir profissionalmente e me tornar um docente qualificado, para ter mais experiências que irão continuar me moldando, e ajudar a transformar e tocar positivamente as pessoas que eu me relacionar.

Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Universidade de Barcelona, Espanha: 2002.

**RECORDAÇÕES ESCOLARES: APRENDIZADOS QUE CONTRIBUEM PARA A MINHA
FORMAÇÃO E PROFISSÃO**

Camille Stéphâni de Araújo Severgnini



O texto de Arthur Muller (2018) traz o conceito de “mapeamento” do universo cultural corporal da comunidade que é descrito como “ocasião em que o docente reúne, por meio de observações e conversas, informações acerca das produções discursivas e não discursivas referentes às práticas corporais acessadas pelos estudantes” (Muller, 2006, P.41), ou seja, o professor irá tematizar em suas aulas temas que conversem com as vivências que os estudantes já estão inseridos em seu cotidiano, dentro de sua comunidade, auxiliando-os a ter uma visão mais ampliada daquilo que já conhecem.

Esse conceito me fez lembrar da escola que eu estudava no ensino fundamental 2, onde era passado diversas práticas diferentes, como a dança, ginástica, os esportes, entre outros, e independente da turma que fosse, os conteúdos sempre eram os mesmos. Ou seja, não era questionado quais eram as nossas experiências que já havíamos tido anteriormente. Apenas era seguido um plano de ensino, sem muitas alterações pelo caminho. Apesar disso, tivemos boas experiências e vivências uma vez que passávamos a conhecer diversas atividades novas com a oportunidade de vivenciá-las.

Quando criança no fundamental 1, estudei em outra escola e quando estava lendo o texto de Muller e olhando os desenhos das crianças, me recordei dela, pois lembro de aulas de educação física que eram exatamente como no desenho. Era ofertado para nós, bolas de futebol, de vôlei, cordas e elástico e a gente poderia escolher aonde iríamos brincar. Entretanto, as separações eram como nos desenhos

iniciais retratados no texto, onde as meninas iam para a corda e o elástico e os meninos iam jogar futebol. Havia exceções, mas eram poucas.

Quando fui para o ensino médio, eu mudei de escola e fui para uma onde a educação física, na minha visão, era péssima. O ano letivo da educação física era dividido em quatro, momentos em que seriam passados apenas o futebol, vôlei, basquete e handball. Não tínhamos outras atividades, apenas quando chovia e molhava parte da quadra. Nesse momento, a professora tentava adaptar atividades para que pudéssemos fazer no espaço que tínhamos livre, porém, geralmente era dominó, damas ou algum outro jogo do tipo. Além disso, apesar de termos 6 aulas por dia todos os dias, a nossa educação física era no contraturno, então no meu caso, a minha aula acabava às 12:30h e a educação física era 16:40h da tarde. O que deixava muito inviável de participar e acabei pegando a dispensa da educação física para não precisar ir, e como eu fazia ballet, jazz, yoga e ginástica, eles me liberaram. Então durante quase todo o meu ensino médio, eu não frequentei as aulas de Educação Física. Desse modo, vejo que não tive boas experiências a partir dessas vivências.

Apesar de tudo, acredito que todas as experiências que tive, foram importantes para a minha decisão de cursar educação física e, também, saber o tipo de profissional que eu quero ser. A contribuição que desejo passar aos meus futuros alunos, é permitir que eles possam não apenas vivenciar, mas experienciar com profundidade nossas atividades, e que assim, essas experiências possam permitir transformações em suas vidas dentro e fora da escola.

Quero estar sempre em equilíbrio entre tematizar com os alunos práticas que eles já têm contato sem excluir as possibilidades deles conhecerem e explorarem novas áreas, uma vez que, enquanto professores, temos a função de auxiliar na expansão de conhecimento dos estudantes e trazê-los para o mundo físico e real. Essa atividade é de extrema importância no mundo em que vivemos hoje, onde as práticas corporais têm sido deixadas de lado, dando lugar às telas e a tecnologia.

Referências

MULLER, Arthur e NEIRA, Marcos Garcia. **Avaliação e registro no currículo cultural da educação física**. Estudos em Avaliação Educacional, v. 29, n. 72, p. 774-800, 2018.

EXPERIÊNCIA QUE PERPASSA O ACONTECIMENTO

Esthela Basilio Wanzeler



Foto: o collant do texto

Percebemos os diversos conceitos e significados que a palavra experiência tem no decorrer do texto de Jorge Larrosa, em certo momento o autor apresenta a diferença entre o acontecimento e a experiência, sendo: “O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (Larrosa, 2002, p.27).

A partir de sua fala percebo que um momento, seja vivenciado em aula ou no cotidiano, pode ser para aqueles que o viveram uma experiência prazerosa ou uma frustração. Para a criança podemos perceber que uma experiência vem daquilo que chama a sua atenção, seja positiva ou negativamente.

Me recordo de acontecimentos que me proporcionaram experiências na minha infância e um desses destaco a minha primeira aula e apresentação de dança contemporânea na FAFI Escola Técnica de Teatro, Dança e Música, em meus 7 anos de idade. Foi algo marcante que brilhou em meu olhar para o mundo da dança, mesmo

sendo construído coletivamente e fora do ambiente escolar, certamente cada pessoa sentiu de maneiras diferentes aquela adrenalina de palco.

As aulas e toda a preparação que tive até o momento de mostrar o que havia aprendido para as pessoas gerou uma sensação de felicidade e que definitivamente me fez seguir a dança no restante de minha vida e conseqüentemente agora a licenciatura em educação física, pois por causa da dança escolhi o curso.

Diante do apresentado, posso perceber que experiências como estas também podem ser geradas em minhas aulas de educação física na escola, onde as crianças poderão vivenciar os processos de construção de trabalhos e projetos marcantes em suas trajetórias.

As oportunidades e mudanças que podemos gerar ao proporcionarmos uma experiência para nossos alunos através dos acontecimentos de uma aula e que a preparação, os conhecimentos adquiridos ao longo de anos de ensino, de vivência são fundamentais tanto para nossos futuros alunos como também nessa recém-chegada etapa em que exerceremos nosso papel como professores.

Assim, meu papel como futura professora espero proporcionar diversas vivências da cultura corporal de movimento para meus alunos, conhecê-los em suas experiências e abrir um leque de possibilidades, pois tudo que vivemos e aprendemos ao longo da nossa trajetória nos perpassa e serve para avaliarmos nossas atitudes e trabalharmos nossa relação com o mundo para assim deixarmos experiências na história de cada pessoa.

Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Universidade de Barcelona, Espanha: 2002.

TECENDO EXPERIÊNCIAS: UMA JORNADA DE EDUCAÇÃO, DANÇA E INSPIRAÇÃO FAMILIAR

Isadora do Amaral e Souza



Fonte: Acervo da autora.

Desde muito nova, minha jornada educacional começou nas escolas particulares, onde tive a oportunidade de absorver conhecimento em um ambiente familiar, já que minha mãe e meus avós também eram professores. Cresci imersa nesse universo acadêmico, absorvendo não apenas o conteúdo curricular, mas também os valores e a paixão pelo ensino.

A influência da minha família foi determinante para moldar meus interesses e aspirações. Em diversos momentos acompanhei minha mãe em suas aulas e eventos escolares, e a admiração pelo seu trabalho só crescia a cada dia. Além disso, meu amor pela dança começou a florescer desde cedo, e a escola foi o palco onde dei meus primeiros passos, com o jazz.

Durante os anos iniciais do ensino fundamental, as aulas de educação física eram momentos de diversão, onde meninos e meninas eram separados e as meninas ficavam com atividades como danças, cordas, bambolês e brincadeiras como queimada e piques. No ensino fundamental 2, o foco era pra ser mais para os esportes, mas tive professores “rola bola”.

No ensino médio, a dinâmica mudou um pouco. Foi nesse momento que tive mais contato com uma variedade de esportes, mesmo não tendo afinidade. Troquei de escola 8 vezes ao longo da vida, então passei por vários professores bons, mas outros nem tanto.

Apesar de ter trocado de curso diversas vezes ao longo da vida, o desejo de seguir os passos da minha avó, que cursou Educação Física na UFES, e minha paixão pela dança sempre estiveram presentes. Essas experiências moldaram minha trajetória e me ajudaram a compreender minha verdadeira vocação, que é unir minha paixão pela dança com a educação, seguindo os passos da minha inspiração familiar.

Ao refletir sobre minha educação, percebo que ela vai além da simples transmissão de informações ou da formulação de opiniões. É uma jornada de experiências significativas, onde cada momento vivido contribui para meu crescimento pessoal e profissional.

Como destacado por Jorge Larrosa em seu discurso, “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Essa citação ressoa profundamente comigo, pois reflete a importância de reconhecer a experiência como algo fundamental na educação. Cada interação, cada vivência na escola, na dança e na vida em família moldou minha compreensão do mundo e de mim mesma. Essas experiências não são apenas eventos isolados, mas sim momentos que nos tocam e nos transformam, nos tornando quem somos.

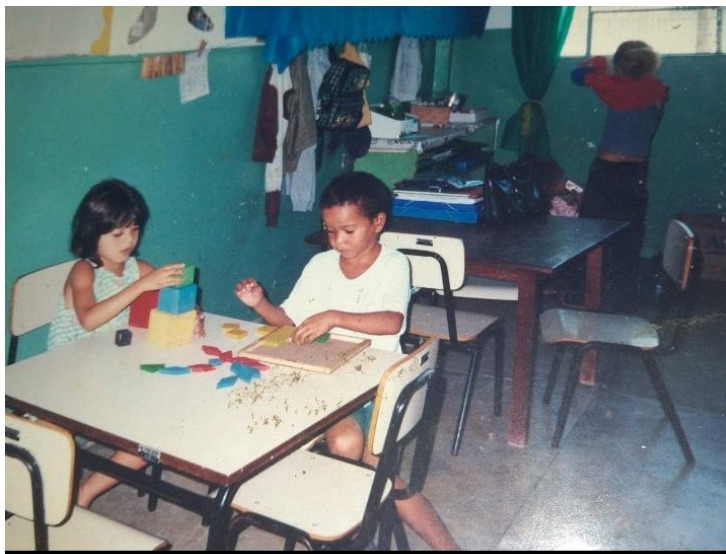
Portanto, como futura educadora, reconheço a importância não apenas de transmitir conhecimento, mas também de cultivar um ambiente propício para experiências significativas e reflexivas, onde os alunos possam se conectar de forma autêntica com o aprendizado e atribuir sentido às suas vivências.

Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha: 2002.

EXPERIÊNCIAS ESCOLARES

José Eduardo Pereira de Freitas



Fonte: acervo do autor.

A minha infância na educação infantil foi muito feliz, tinha muitos amigos com quem brincar, tirando o momento em que eu gritava e chorava quando minha irmã ou meu irmão ia me deixar lá, pois eu tinha medo de não voltarem, tinha muitas cantigas, ciranda cirandinha, cai cai balão, a galinha pintadinha entre outras brincadeiras, muitas vezes nós mesmo criamos algo para brincar, pois não tinha nada voltado diretamente pro esporte, nos anos mais iniciais brincávamos mais em sala com o tempo fomos indo ao pátio, em sala brincávamos de quebra cabeça, pintura entre outras coisas, no pátio criamos muitas brincadeiras de correr como pique pega era o mais comum, na parte de trás do cmei tinha um pé de castanha no alto de um morrinho e tinha um local onde escorria água de chuva, lembro que pegamos qualquer coisa pra brincar de escorregador nesse cantinho era muito bom.

Já no ensino fundamental e médio, olhando hoje como um futuro professor não parece que alguns professores da época estavam preparados ou ao menos estavam dispostos a realmente trabalhar com as crianças e adolescentes, pois comigo houve um pouco de exclusão, eles não paravam pra ensinar só dava o material e deixava o que sabia mais tomar conta da aula, com isso automaticamente alguns foram deixando de querer participar da aula e também foi se tornando algo repetitivo com o tempo, não

havia nenhum tipo de dinâmica ou método adaptativo para que todos pudessem participar da aula.

E com todas essas vivências e experiências que passei e com conhecimento que possuo hoje isso contribui bastante na minha formação acadêmica pois consigo identificar muita coisa e mudar esses métodos de aula e fazer com que seja diferente nas escolas.

É importante buscar compreender de onde cada aluno vem e como foi a infância de cada um talvez pegar alguma aula e deixar que trazem e nos mostram as brincadeiras de sua infância ou do local onde morou pois muitas vezes algumas brincadeiras mudam de estado a estado ou o nome dela por isso é importante trazer conosco o professor pesquisador.

Trata-se de considerar aspectos culturais, sociais e históricos, tornando possível, assim, a compreensão da colocação em destaque ou não das várias culturas que integram o ambiente escolar e seu entorno. E mais, trata-se de compreender e analisar quais os mecanismos que permitem que certas culturas gozem de certo prestígio social, deixando tantas outras de lado, atribuindo-lhes um caráter marginalizado e calando as vozes de seus representantes (Müller; Neira 2016, p. 47).

De acordo com o pequeno trecho Müller e Neira traz a importância de trabalhar a diversidade cultural na escola, pois frequentar uma escola com um corpo discente diversificado pode ajudar a preparar os alunos para a vida na cidadania ou seja fora da escola também em uma democracia multicultural, e sim a escola também ajuda preparar o aluno a viver em sociedade, podendo reconhecer o próximo, se identificar em algumas vivências entre vários fatores.

Referências

MULLER, Arthur e NEIRA, Marcos Garcia. **Avaliação e registro no currículo cultural da educação física**. Estudos em Avaliação Educacional, v. 29, n. 72, p. 774-800, 2018.

RECORDANDO MINHAS EXPERIÊNCIAS ÚNICAS E SINGULARES!

Julha Zuccolotto Tótola



Fonte: acervo da autora.

Segundo Larrosa, a experiência é única para cada ser humano, podemos passar pela mesma situação, mas nunca será a mesma experiência para duas pessoas. Sendo a mesma individual, e impossível de ser repetida, tentar reproduzi-la se torna vão, pois mesmo que fosse possível tal feito, ainda correríamos o risco desse momento não nos perpassar da mesma forma e simplesmente acontecer de maneira fugaz e momentânea, deixando de nos tocar e transformar.

[...] o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (Larrosa, 2002, p. 27).

Dentro dessa perspectiva, destaco o Karatê, esporte que esteve incluso em grande parte da minha vida, e que contribuiu para a formação do que julgo ser meu caráter, por meio de treinos, rotinas, lemas, disciplina, dentre outros ensinamentos. Através das competições às quais me dediquei para competir e ganhar, descobri novos colegas e aprendizados, bem como aprendi a lidar com derrotas e vitórias que fizeram

parte da minha vida, mesmo que as derrotas não fossem tão agradáveis. Entretanto, julgo que essas esculpiram conhecimentos e experiências marcantes, sendo estas necessárias, ao mostrarem como é chegar até o fim do processo.

Sendo assim, acredito ainda que essa minha experiência me preparou para minhas futuras participações escolares. Como por exemplo, no handebol, que em nossos treinos no contra turno, a professora se dedicava a nos treinar, mesmo que possa notar agora que foi de forma muito básica/superficial para os jogos na rede, competição esta que exigia mais de jogadas ensaiadas e atividades mais dinâmicas de movimentação.

Nos jogos na rede, ainda tivemos nossa primeira experiência de viagem com um time para uma cidade diferente. Mesmo que sem o título de capitã grande parte das responsabilidades desta função foram entregues a mim, sendo a motivação do time e resolução de conflitos algumas dessas atribuições.

Mesmo depois de muitas conversas com o time me encontrei dentro de quadra com apenas mais duas jogadoras enquanto todo resto do time se encontrava no banco com advertências de dois minutos, o que resultou em nossa primeira derrota de forma esmagadora, depois desse jogo com os ânimos ainda muitos exaltados e caos instaurado no time tive muitas conversas, onde busquei resolver os conflitos, o que resultou em grande melhora do time no segundo jogo, mesmo com a derrota por poucos pontos de diferença ao final do jogo, tivemos ainda muitos aprendizados e experiências memoráveis.

De modo que essas experiências de alguma forma, sendo boas ou ruins, me influenciaram a escolher o curso de licenciatura em Educação Física como minha primeira graduação no ensino superior. Devido a isso, todas essas experiências se tornaram necessárias na construção dessa experiência singular e única que é o processo de formação docentes.

Por fim, pensar que a experiência que posso proporcionar a meus alunos/as pode os tocar/marcar de forma positiva ou negativa a ponto de ser uma contribuição transformadora, entrega-me um desafio, onde o tempo se exhibe como um dos maiores opositores em uma rotina escolar de planejamento. Pois, assim como, meus/minhas professores/as contribuíram para a formação de quem sou atualmente, por meio da

entrega do protagonismo às mãos dos estudantes, espero contribuir de alguma forma como futura professora de educação física na vida dos meus alunos.

Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Universidade de Barcelona, Espanha: 2002.

ENTRE A SALA DE AULA E O CAMPO: MINHAS MEMÓRIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I E DO FUTEBOL

Max Alexandre Tristão de Almeida Filho



Fonte: acervo do autor.

Meu nome é Max Alexandre Tristão de Almeida Filho, tenho 21 anos e moro em Caratoíra, bairro de Vitória. No início do Ensino Fundamental, estudei em uma escola da prefeitura de Vitória chamada Amilton Monteiro da Silva. A escola tinha e tem até hoje uma boa estrutura, com um pátio grande e arborizado, e uma quadra. Neste relato, irei refletir sobre a minha experiência no processo escolar durante o período do Ensino Fundamental 1, em diálogo com os textos da primeira semana da disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental 1. Acredito que não existe outra citação melhor que possa definir o conceito de experiência, o sujeito da experiência e o saber de experiência, senão a citação que exponho do autor. De acordo com Larrosa:

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna (Larrosa, 2002, p. 27).

Dessa maneira, entendo a experiência de forma restrita ao sujeito, diferente da informação ou do acontecimento que podem ser comuns. A experiência é minha, eu me expus ao perigo de vivenciá-la e de dar sentido ao que me aconteceu. Por exemplo, o meu grupo de amigos do Ensino Fundamental 1: eles estudaram na mesma escola que eu, tiveram os mesmos professores que eu, as mesmas aulas, porém certamente a experiência deles difere da minha.

Recordo-me que foi no primeiro ano do fundamental que comecei a ir sozinho para a escola. lembro-me de ficar muito feliz por isso. Embora gostasse muito de jogar futebol nas aulas de Educação Física e no recreio, algo que me marcou foram as novas amizades que fiz. Por fim, também gostaria de citar a minha experiência no futsal e futebol fora do contexto escolar. Foi nessa época que comecei a treinar e competir com mais frequência e a me envolver na prática.

Larrosa (2002) ressalta que o verdadeiro *sujeito da experiência* não é aquele que apenas realiza atividades, mas sim aquele que se mostra receptivo e aberto para ser transformado pelo que acontece ao seu redor. Portanto, as *experiências* que tenho foram construídas não somente pelos acontecimentos ou eventos que aconteceram, mas porque eu estava aberto e receptivo a mudanças. como por exemplo, ter um senso maior de responsabilidade por começar a ir para a escola sozinho, valorizar o companheirismo pelas amizades saudáveis que fiz e me tornar um atleta de futebol e futsal, sendo transformado pelo fenômeno esportivo.

O que eu mais vivenciei durante esse período relacionado ao futebol foram os bons momentos que tive dentro e fora de campo, em minha memória me vejo sendo levado junto a meu irmão, meu primo e alguns amigos ao treino da escolinha do meu tio, quem levava-nos ao treino eram minha mãe, minha avó, e outros responsáveis. Ir ao treino nessa idade era muito bom, não tínhamos preocupações, e nem estresses durante o jogo, só queríamos nos divertir e aprender a jogar futebol.

Após isso, comecei a jogar futsal na pracinha do Caratoíra, no projeto do Prof. Matheus Nascimento, esse projeto funciona há mais de 10 anos (não sei a data exata), onde inclusive hoje eu atuo na formação de crianças, adolescentes e jovens. Acredito que todas as experiências que me aconteceram me fizeram chegar no lugar que estou hoje, não um lugar de superioridade por estudar em uma Universidade Federal ou

outra posição, mas o lugar da paixão pelo Esporte, pela Educação Física e por ensinar. Essas experiências são subjetivas, são minhas e transformaram a minha realidade

Por fim, pensar minha experiência no FUND 1 e dialogar com os textos propostos foi fundamental para a minha atuação profissional. Refletindo sobre as minhas experiências, observando o texto de Müller e Neira (2018), e com o resgate das minhas memórias, pude concluir que não tive uma Educação Física escolar heterogênea, mesmo gostando das aulas de Educação Física e do recreio vejo que não pude vivenciar as diferentes manifestações da Cultura Corporal de Movimento e nem práticas culturais da região onde moro. Dessa forma, refletir sobre minhas experiências me auxilia a ter um norte do que fazer ou do que não fazer no ofício docente.

Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha: 2002.

MULLER, Arthur e NEIRA, Marcos Garcia. **Avaliação e registro no currículo cultural da educação física**. Estudos em Avaliação Educacional, v. 29, n. 72, p. 774-800, 2018.

REFLETINDO SOBRE MINHAS PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Murilo Berton Nascimento



O texto de Larrosa aborda a importância da experiência e do conhecimento que adquirimos por meio dela. Ele nos mostra que a experiência vai além do simples ato de vivenciar algo, envolvendo também a reflexão e interpretação do que vivemos. Isso nos permite adquirir diferentes formas de conhecimento. Larrosa nos lembra que a experiência não é algo isolado, mas sim uma construção social e cultural, influenciada pelo contexto em que ocorre.

Ou seja, nossas experiências são moldadas pelas pessoas com quem interagimos, pelas normas e valores da sociedade em que vivemos. O autor destaca que a experiência é um conceito complexo e complicado de definir. Ela está relacionada ao que vivemos, mas não se resume apenas a isso. É uma construção que vai além do que é construído. É também uma forma de conhecimento, mas não se limita a isso. Em resumo, o texto nos faz refletir sobre a importância de valorizarmos nossas experiências e reconhecermos que elas nos proporcionam um conhecimento único e pessoal.

Experiência é um conceito complexo e complicado. Está relacionada ao vivido, mas não é o vivido. É uma construção, mas não é construída. É uma forma de saber, mas não é o saber. [...] E essa complexidade da experiência faz com que ela não seja diretamente comunicável, embora se manifeste sempre na expressão de uma linguagem, na narração de uma história, na enunciação de uma queixa, na justificação de uma ação, na explicação de um acontecimento, na crítica de um projeto, na defesa de uma crença, na interpelação de um desconhecido (Larrosa, 2002).

Durante o tempo em que estudei no ensino fundamental 1, tive muitas experiências que me fizeram entender melhor os conceitos discutidos por Larrosa.

Uma dessas experiências foi nas aulas de educação física, onde o esporte teve um papel muito importante na minha vida escolar. Jogar futebol com meus colegas não era apenas uma atividade física, era também uma oportunidade de aprender sobre trabalho em equipe, estratégia e cooperação. Cada passe certo e cada gol marcado não só contribuíam para o jogo em si, mas também me ensinavam o valor de trabalhar em conjunto e se comunicar de forma eficiente.

Ao refletir sobre o texto de Larrosa e minhas experiências na escola, percebo como elas podem influenciar a forma como eu trabalho. Assim como a experiência vai além de apenas viver algo, minha atuação profissional também deve ir além de simplesmente executar tarefas do dia a dia. É importante que eu esteja sempre refletindo e interpretando o que faço. Por exemplo, quando eu praticava esportes na escola, aprendi lições valiosas sobre trabalho em equipe e cooperação. Essas habilidades são igualmente importantes no ambiente de trabalho, onde é essencial colaborar efetivamente com colegas e alunos/pais. Em resumo, o texto de Larrosa e minhas experiências acadêmicas me inspiram a adotar uma abordagem reflexiva e colaborativa em meu trabalho. Eu reconheço a complexidade e a riqueza das experiências humanas e busco cultivar essas qualidades em minha prática profissional.

Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha: 2002.

LIBERDADE ÚNICA

Otávio Seara Brito



Fonte: acervo do autor.

A internalização da experiência é um processo contínuo, pois, você se permite aceitar o risco por passar uma determinada situação na qual é uma novidade para seu corpo, porque é um processo que requer apreciação, atenção, sentir, pois, não significa você apenas fazer por fazer, significa você se expor e estar aberto em se submeter a experimentar.

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “im-posição” (nossa maneira de impormos), nem a “pro-posição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco (Larossa, 2002, p. 24-25).

Dito isso, se permitir internalizar a experiência é viver todo o processo, seja ele sofrido, alegre, receptivo, pois a experiência é o que se apodera do que é significativo, pois, não é um processo coletivo, é único.

A infância na qual me recordo é fora do ambiente escolar, pois, enquanto estava em período letivo o único pensamento eram nas férias e quando chegava o momento mais aguardado que é o final de ano e os meus tios vinham buscar meu irmãos, meu primo e eu. Dito isso, viajávamos durante 2h ou 3h até a fazenda dos meus avós, sempre chegávamos a noite e quando amanhecia juntamente com nossos primos que moravam lá íamos para o campo de futebol e ficávamos o dia inteiro jogando futebol, pique gelo, pega-pega, ensaiávamos jogadas, corriam para o rio para brincar mais, e também a gente saía pra explorar lugares, subir em árvores, brincar com outras variações com bola, caçar confusão com vacas, jogar sinuca, andar a cavalo e demais brincadeiras.

Portanto, mesmo ansioso para chegar o final do ano sempre chorava pra não ir, e no último dia quando acabava as férias chorávamos pra não voltar para a rotina na cidade, o sentimento de liberdade era visível, pois, me sentia feliz brincando, caindo e até quando me machucava, quando voltava para casa da minha vó cansado, mas feliz por está livre para brincar de qualquer coisa que gostava e ter a campainha dos meus irmãos e primos tornava a experiência ainda mais única, pois, só eu sei como foi importante ser livre para brincar em um lugar que era especial, único.

Dessa forma, com essa experiência fora da escola foi essencial para escolher a educação física mesmo por não ter sido significativa na minha vida no ambiente escolar, pois, não tenho nenhuma memória que contribuiu durante toda minha escolarização.

Por tais razões, a experiência da minha infância foi um fator importante na qual o movimento corporal foi muito significativo e relevante, pois, me ajudou a conhecer brincadeiras e vivência-lá de forma prazerosa e gostar de praticar esportes. Sendo assim, como não tive um professor de referência na área escolar e por minha infância fora dela me proporcionou para me identificar na área como um profissional da educação física no qual, tenho objetivo de desenvolver um trabalho que tenha progresso durante o processo de planejamento e aulas que internalize, valorize a cultura, experiências, memórias e interagir com eles com ética, respeito, receptividade, atenção e escuta pelas quais sejam significativas na vida dos meus alunos já que durante a minha escolarização não tive essa oportunidade, quero ser um profissional digno da profissão e merecedor dos meus alunos.

Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.**
Universidade de Barcelona, Espanha: 2002.

PENSAR A EDUCAÇÃO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA

Pamela Ribas



Fonte: acervo da autora.

O conceito de experiência relatado por Jorge Larrosa Bondía, pedagogo e filósofo espanhol, autor de “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, onde traz uma pesquisa sobre “a relação entre ciências e técnica, ou as vezes, do ponto de vista entre teoria e prática”, abordando reflexões sobre o tema inicialmente citado - experiência. Todavia, a narrativa expõe vários significados para a palavra experiência, no entanto destaco um: “A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente (Bondía, 2002)”.

Para mim esta definição está ligada com o destaque que fiz sobre o conceito de experiência trazida pelo autor. Posto isto, fazendo uma análise da atualidade, “a experiência é cada vez mais rara” (Bondía, 2002), sendo seus motivos os mais variados, quatro deles, enfatizado pelo Larrosa, que estão presentes no dia a dia das pessoas.

Primeiramente, estamos inseridos em um mundo de informações, portanto, como Larrosa nos coloca, o excesso de informação não está nos permitindo adquirir experiência, assim como nesse mesmo mundo globalizado, exige que sejamos formadores de opinião, pois “se alguém não tem opinião, sente-se um falso, como se faltasse algo essencial”. Sendo assim, “a opinião anula nossas possibilidades de experiência fazendo com que nada aconteça” (Larrosa, 2002). Ademais, outro ponto destacado em sua narrativa, é a vida corrida que temos hoje em dia. A falta de tempo

também impossibilita a experiência. Outrossim, a falta de tempo tem sua parcialidade pelo excesso de trabalho, outro ponto citado por Larrosa, uma vez que,

Somos sujeitos ultra-informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos. E por isso, porque sempre estamos querendo o que não é, porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece (Bondía, 2002).

Trazendo uma analogia com o texto de Larrosa, me vem à memória o tempo de infância/juventude em que vivi. Era uma época em que todos esses pontos que foram destacados pelo autor, não existiam. Um tempo em que era possível ter experiência, dado que não me importava com a informação, nem formava opinião, tinha todo o tempo do mundo e não precisava trabalhar. Vivenciar essa experiência, as quais são as memórias escolares, as quais fazíamos rodas de conversa com nossos colegas de classe, encontro em casa de amigas para brincar, conversar e comer frutos direto do pé, sim, havia uma colega, Sabrina era o nome dela, quem seu quintal tinha um pé de laranja, de mimosa e de limão, era o que mais gostávamos de fazer.

Também guardo experiência de viagem que fizemos juntas, para o Beto Carrero world e de um parque aquático, o qual foi a primeira vez que dormimos fora de casa e sozinhos, é claro que tinha professores acompanhando, mas ficamos todas no mesmo quarto. Durante toda a nossa trajetória escolar, cito eu e mais cinco amigas “inseparáveis”, colecionamos muitas experiências, uma delas eram as aulas de educação física, apesar de termos apenas o quarteto fantástico, gostávamos das aulas, formávamos um time de vôlei, e nas competições escolares, nós nos dávamos muito bem. Era um tempo que, como o autor coloca, precisávamos apenas ser passivos.

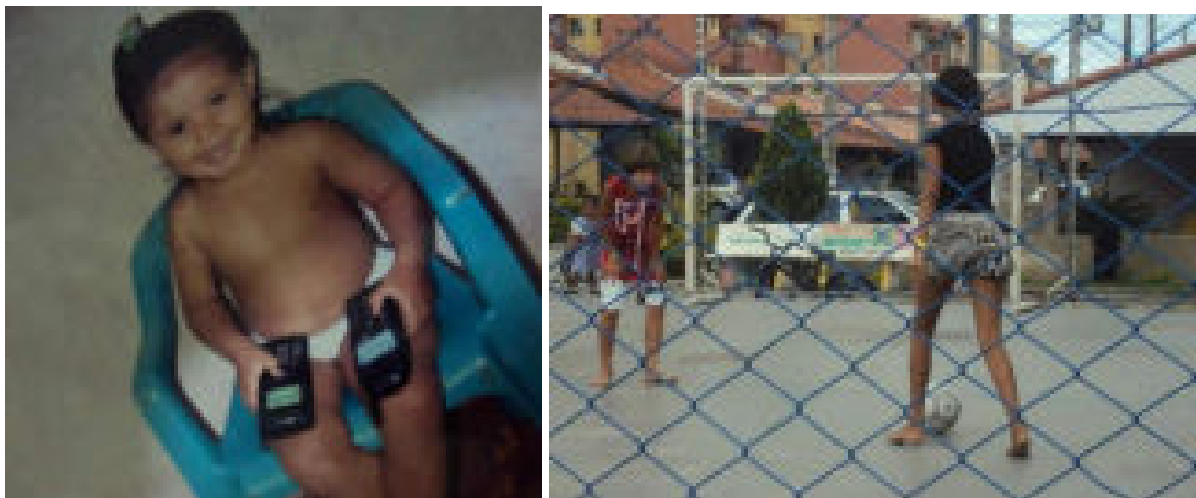
Diante disso, vale ressaltar que devemos recuperar esse momento de infância/juventude, para que as experiências possam ser “o que nos acontece e não o que acontece” (Larrosa, 2002). Sendo assim, como professora, uma figura que é muito influente nessa etapa da vida de uma pessoa, tenho como dever fazer com que os alunos entendam esse conceito de experiência, para que possam posteriormente continuar vivenciando as experiências adquiridas e não apenas satisfazendo suas necessidades através da informação, opinião, falta de tempo e/ou excesso de trabalho.

Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Universidade de Barcelona, Espanha: 2002.

EXPERIÊNCIAS QUE FORMARAM QUE EU SOU

Patricia Almeida



Fonte: acervo da autora.

O texto de Jorge Larrosa vem trazendo um conceito a respeito de experiência que passa despercebido aos nossos olhos. Ele traz um conceito de que nossas experiências não se baseiam no que acontece, mas nas coisas que nos acontecem. A experiência está naquilo que nos permitimos viver, que permitimos que nos toque. A partir das definições extraídas no texto e das discussões a respeito do texto, somos levados a uma nova reflexão daquilo que conhecemos ou (re)conhecemos como experiência. Se buscarmos o significado da palavra em sua forma literal, encontraremos que experiência é “conhecimento ou aprendizado obtido através da prática ou da vivência”. Seguindo esse conceito, nós somos colecionadores de experiências, porque somos atravessados diariamente por aprendizados e conhecimentos adquiridos.

Porém, Larrosa traz novos conceitos que nos levam a refletir a respeito do que é de fato a experiência. Experiência, no caso, seria não somente estar exposto a determinada situação, mas o se permitir sentir o que essa “determinada situação” lhe causa de forma singular. Esse conceito fica mais claro quando Larrosa (2002, p.27) diz que “Duas pessoas ainda que enfrentam o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida”.

Seguindo o ponto de vista do texto, ao longo da minha vida, eu vivenciei muitas coisas, aprendi muitas coisas, adquiri muitos conhecimentos, fui exposta a diversas situações em que eu não obtive uma experiência de fato, desse determinado acontecimento. Lendo o texto, os conceitos abordado pelo autor e trazendo à mente as vivências que tive, em específico, na época escolar, nas aulas de Educação Física, eu posso realmente compreender que a experiência perpassar o está presente em uma determinada situação, é se permitir viver aquele momento e os sentimentos que eles causaram a mim, particularmente.

E aqui eu resgato memória das aulas de Educação Física, onde vivenciávamos determinado esporte, ou prática corporal, mas a demanda de informações, opiniões que devíamos formar a respeito de determinado assunto e o tempo proposto, impediram que eu pudesse adquirir uma experiência daquele momento.

E na rua, um lugar onde não tem essa demanda, e eu vivenciava boa parte das práticas que eu vivenciava na escola, eu consigo hoje resgatar na memória, e alguma dessas lembranças, sentir a emoção que eu senti lá naquele momento que eu estava vivenciando, porque de alguma forma eu me permiti viver aquele momento e sentir tudo que, de certa forma, aquele momento me causava. Inclusive, a respeito disso, eu trago a memória de que o gosto pelo esporte, e posso arriscar dizer, a escolha pelo curso e a forma que me identifiquei com ele não se deu por influência da escola, mas das vivências que obtive brincando na rua ao longo da infância e adolescência.

Esse assunto nos leva a pensar, quanto professores, o que de fato almejamos ao darmos nossas aulas. O que queremos passar aos alunos, o que queremos propor a eles. Como forma de contribuir para que os alunos de fato acumulem experiências, nós como professores devemos estimular à eles o exercício de refletir sobre aquilo que foi vivido, através de um caderno de relatos, que pode ser utilizado como avaliação, onde eles possam guardar a experiência que tiveram.

Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Universidade de Barcelona, Espanha: 2002.

PERPETUANDO MEMÓRIAS: UM MEMORIAL DE RICHARD MESQUITA

Richard Bruno Mesquita Silva



Fonte: acervo do autor.

Conforme Larrosa Bondía (2002), não há experiência sem um sujeito que experimenta, ele destaca que a experiência não é algo simplesmente "vivido", mas sim construído ativamente através das interações do sujeito com o mundo ao seu redor. Ele enfatiza que a experiência é sempre mediada por diversos elementos, como percepções sensoriais, emoções e memórias. Assim, baseada em minhas experiências e memórias, vou narrar e refletir um pouco sobre minha trajetória de vida, ampliando o olhar e os sentidos de tudo que construí e que corroborou para minha formação como pessoa e futuro professor de Educação Física.

O percurso formativo é uma jornada marcada por descobertas, desafios e aprendizados que transcende os limites da sala de aula e se estende para o pulsante cenário da prática pedagógica. Para esse memorial irei fazer duas associações, o primeiro será o que vivenciei no Jardim Escolar, no Sesi de Laranjeiras, quando tinha 6 anos. Os professores usavam bastante da história como meio de aprendizagem, incorporando a ginástica historiada, além de incentivar a cooperação, e não era diferente nas aulas de educação física. Nessa época, eu tinha um grupo com mais 2 amigos, Leonardo e Fernando. Sempre nos ajudamos nas aulas, ensinando um ao outro

quando um não estava entendendo. Sinto que desde essa época, desenvolvi uma satisfação em ajudar/ensinar os outros. Além claro de sempre brincar juntos, seja na quadra ou no parquinho de areia com alguns equipamentos - como escorrega, gira-gira, gangorra e outros.

A segunda associação que trago é sobre um amigo que fiz na escola em 2007, quando estávamos no ensino fundamental II. Mas os professores de educação física não praticavam em suas aulas uma abordagem mais inclusiva, onde a quadra costumava ficar para os meninos que já sabiam jogar futebol, logo os demais e as meninas ficavam de fora, brincando no restante do pátio da escola. Entretanto, o mesmo espírito colaborativo que havia desenvolvido em mim na escola anterior prevaleceu, e nossas atividades iam para além do ambiente escolar, já que morávamos no mesmo bairro. E o que mais gostávamos era de nadar na piscina de casa.

Estes momentos não apenas moldaram minhas inclinações pessoais, mas também solidificaram minha paixão pelo ensino e pela educação física. Através da colaboração, do aprendizado mútuo e da diversão compartilhada, percebi o poder transformador da educação e como ela pode transcender os limites do espaço físico da sala de aula, influenciando diretamente na formação integral de cada indivíduo. Este memorial não apenas reflete minha jornada pessoal, mas também celebra a importância dos relacionamentos e das experiências compartilhadas no processo de formação de cada um.

Refletindo com esse memorial e com os aprendizados durante minha formação na UFES, o professor que desejo me tornar é aquele capaz de incluir a todos em minhas aulas, que não faz distinção. É aquele capaz de fazer adaptações nas aulas para que todos possam participar.

Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Universidade de Barcelona, Espanha: 2002.

MINHA MOTIVAÇÃO

Wesley da S. Nascimento



Fonte: acervo do autor.

Minha trajetória até chegar aos dias atuais começa a partir dos meus 6 anos passei meu fundamental até o ensino médio inteiro estudando no Sesi de Cariacica mas antes até meus 5 anos estudei em uma creche perto de casa chamada Brilho do sol, e desde pequeno sempre fui influenciado pelos meus pais a prática de esportes e exercícios físicos, sempre que meu pai ia se exercitar eu o acompanhava e queria fazer igual mesmo ainda não possuindo a idade ou a força necessária. Então a partir disso minha relação com a educação física sempre foi de forma prazerosa, mesmo não possuindo grande habilidade em algumas práticas, eu estava sempre disposto a participar.

Outro ponto importante é que sempre fui uma criança ficcionada por lutas, muito por conta do meu pai que sempre que estava de folga colocava na televisão algum filme de ação geralmente com atores que praticam artes marciais como Jean-Claude Van Damme, Chuck Norris, Jackie Chan e etc. Por esta razão sempre me identifiquei mais com as artes marciais, porém não tive nem um contato com esse

esporte no decorrer do meu fundamental até o ensino médio, sendo obrigado a procurar e iniciar esta prática por fora da escola.

Na escola eu vivenciei bastante os esportes ditos como quarteto fantástico, o vôlei, futsal, handebol e o basquete, mas também me recordo de vivenciar muitas brincadeiras como, coelhinho sai da toca, alguns piques, e algumas estafetas, mas o que eu mais gostava era da natação já que não possuía lutas na escola, o vivenciar a natação me levou a querer praticar também, onde aprendi a nadar e ganhar uma pequena competição organizada pela professora. Olhando para trás percebo, que a minha infância foi rodeada de práticas esportivas e brincadeiras, o que me deixa feliz, pois percebo que tive uma infância movimentada e não parada como muitas crianças nos dias de hoje

O que me levou a querer seguir o curso de educação física, foram as experiências formativas que tive. Segundo o texto de Larrosa (2002) onde é destrinchada a palavra experiência, na linguagem francesa a experiência significa que o sujeito da experiência é um ponto de chegada, de forma que ele recebe o que chega e dá lugar sobrinho chamado Arthur nasceu em 2017, quando atingiu a idade de 4 anos começamos a brincar mais ativamente, e ele me fez perceber o gosto que eu tenho em ensinar e o quão divertido pode ser ver uma criança aprendendo algo e depois executando da sua maneira, e pensar que mais a frente ele poderá repassar as “[...] Se escutamos em francês, em que a experiência é ‘ce que nous arrive’, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar” (Larrosa, 2002, p. 24).

Dessa forma as vivências presentes, a influência familiar e tudo o que compôs a infância nos transformou no que somos hoje, por isso segundo o autor é necessário a exposição a diferentes momentos para que alcancemos a experiência. Em minha opinião o texto de Larrosa contribuiu para que eu pense na emoção e na experiência que eu quero que meus alunos alcancem, como mencionei acima quero que essa experiência seja alcançada para que no futuro eles possam ter boas lembranças e repassar as vivências feitas.

Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Universidade de Barcelona, Espanha: 2002.

UMA FELIZ EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

Alcides Cordeiro Vieira

Ao ler o texto de Larrosa (2002) nos deparamos com o destrinchar da palavra experiência e o que mais me chamou a atenção foram os contrapontos à nossa contemporaneidade, pois, na era das informações e opiniões facilitadas pelas redes sociais, está cada vez mais difícil se ter experiências e se tornar manipulável, pois corremos o risco de nos tornarmos “[...] um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiência” (Larrosa, 2002, p. 22).

Segundo o autor para se ter experiência precisamos nos entregar, desacelerar e permitir que algo nos ocorra, pois cada um de nós somos singulares em nossa existência e a forma que algo nos passa trazem diferentes olhares e sentimentos a depender do sujeito, não podemos depender apenas das informações e opiniões alheias, também temos que nos permitir viver nossas experiências.

Isso me lembra a sorte que tive ao poder estudar nas últimas escolas que passei, o Marista Vila Velha, pois pude vivenciar e participar de experiências únicas, meus professores me ajudaram a me lapidar e me descobrir como pessoa. Pude vivenciar diversas práticas esportivas, sociais e ecumênicas. A escola sempre buscava com que conhecêssemos e experimentássemos o que era aprendido na sala de aula, o conhecimento não era apenas teórico, era prático, lembro muito bem do passeio à mata do Convento da Penha para explorarmos a mata atlântica e classificar a vegetação, lembro dos estudos de todas as religiões e a visitação de alguns praticantes das mesmas à escola, lembro de visitar alguns projetos sociais.

Mas o que mais me deixava impactado era no que se referia às práticas esportivas, dei sorte de estar em uma escola completa, com todos os materiais e estrutura de atletismo, várias quadras, campo de futebol, área verde para enduro a pé, lutas e músicas.

Como aluno eu pude praticar e vivenciar cada uma das atividades em época dos jogos internos e olimpíadas com outras escolas da rede. No caso dos jogos internos eu pude competir em salto em altura, basquete, futsal e arremesso de peso. Lembro que antes de estudar no Marista eu replicava o que acontecia comigo nas outras escolas, eu

era rude e agressivo, mas as novas experiências contribuíram para que eu me tornasse mais confiante, decidido, independente e coletivo (pois pude fazer muitos amigos).

Creio que minha disposição em vivenciar a escola, me proporcionou ter absorvido as experiências que tive, e acredito que são esses aspectos positivos e exemplos sensacionais que pude vivenciar, que irão me ajudar a ser um bom professor, pois me conhecendo e refletindo sobre a minha pessoa eu vou poder construir melhor o profissional que estou me constituindo e poderei lutar para garantir aos meus alunos todas as oportunidades que tive, uma vez que sei a importância de cada uma delas.

Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Universidade de Barcelona, Espanha: 2002.

